



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA**

**ANÁLISE DA RESILIÊNCIA, BEM-ESTAR SUBJETIVO E
RENDIMENTO ACADÊMICO DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DA AMAZÔNIA.**

ROCKSON COSTA PESSOA

Manaus / AM

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA**

ROCKSON COSTA PESSOA

**ANÁLISE DA RESILIÊNCIA, BEM-ESTAR SUBJETIVO E
RENDIMENTO ACADÊMICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
DA AMAZÔNIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Amazonas, como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas,
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

Manaus / AM

2014

ROCKSON COSTA PESSOA

ANÁLISE DA RESILIÊNCIA, BEM-ESTAR SUBJETIVO E RENDIMENTO ACADÊMICO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA AMAZÔNIA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia apresentada para obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa: Processos Psicossociais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas – UFAM (Presidente)

Profª. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro - UFOPA (Membro Externo)

Profª. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa – UFAM (Membro Interno)

Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes – UFAM (Membro Interno)

Prof. Dr. Paes Ribeiro – U.Porto (Membro Externo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus. Que é sem dúvida nenhuma a força resiliente que me capacitou chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha esposa Klicyane, pelo apoio desde antes a entrada no mestrado. Por ser meio apoio certo e a compreensão constante.

Agradecer aos meus mestres do PPGPSI-UFAM, cada um do seu modo, contribuiu para minha constituição e formação.

Meu muito obrigado a minha orientadora, professora Dra. Suely Mascarenhas, pelo apoio, compreensão, tolerância. Por me mostrar possibilidades e me encorajar em produzir e fazer ciência.

Agradecer a minha família, que de modo direto me estimulou e incentivou a cumprir essa jornada.

Agradecer aos amigos que conheci no mestrado, pessoas que marcaram-me de modo substancial. Vivenciamos todo um processo existencial. Por fim, foi possível vencer.

Agradecer ao amigo André Braule pela ajuda na forma de entender resultados obtidos nesta pesquisa.

Por fim, meu muito obrigado aos amigos, colegas e alunos, que de modo direto e indireto, permitiram pela sua existência, que essa dissertação seja agora materializada de modo positivo e substancial.

VII - DA MINHA ALDEIA VEJO QUANTO DA TERRA SE PODE
VER DO UNIVERSO

VII

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...

*Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...*

*Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave, Escondem o
horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,*

*Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos
podem dar;
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

(ALBERTO CAEIRO In **O Guardador de Rebanhos**. Poemas de
Alberto Caeiro. Fernando Pessoa, 1946)

RESUMO

PESSOA, Rockson Costa. Análise da resiliência, bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia. (Mestrado acadêmico em Psicologia). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.

A dinâmica do mundo acadêmico exige um elevado esforço dos estudantes universitários para se adaptarem às suas demandas e vencerem seus desafios com sucesso, onde uma investigação sobre os fenômenos resiliência e bem-estar subjetivo destes acadêmicos se faz necessário. Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os efeitos da resiliência sobre o bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de universitários da Amazônia. Os objetivos específicos foram: identificar o estilo de resiliência dos estudantes universitário; relacionar os estilos de resiliência às estratégias *coping* dos universitários; investigar as possíveis relações entre estilos de resiliências e rendimento acadêmico e verificar possíveis relações entre estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos. Quanto ao problema se propôs a seguinte pergunta: Quais análises podem ser construídas a partir da possível influência do fenômeno psicológico resiliência sobre o bem estar subjetivo e o rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia? No intuito de responder a essa sentença foi realizada uma pesquisa de campo e quanti-qualitativa, a partir de uma amostra intencional não probabilística de (n=342 acadêmicos de universidade pública do município de Humaitá e de faculdade particular da cidade de Manaus. Para coleta de dados foram utilizados os instrumentos: Escala Breve do Comportamento Resiliente (RIBEIRO; MORAIS, 2010 - adaptada por MASCARENHAS, 2011), a Escala PANAS (Positive and Negative Affect Schelude) (DIENER *et al*, 1999, Adaptada por MASCARENHAS, 2008) e a Escala SWLS (Satisfaction with Life Scale) (DIENER *et al*, 1985, Adaptada por MASCARENHAS, 2008). Os dados obtidos foram compilados em planilha Excel e analisados estatisticamente com apoio do programa SPSS 19.0 e para a análise qualitativa foi utilizado a análise de conteúdo. Quanto aos resultados se pode afirmar que quando comparados os universitários com traços fortes de resiliência com os com traços frágeis, há divergências no que importa considerar as estratégias de *coping*. Os dados demonstram que os universitários com traços frágeis de resiliência, apresentam de modo mais significativo estratégia *coping* focada na emoção, enquanto que o grupo de alunos com traços fortes de resiliência, utilizam o *coping* focado no problema. Ainda com a análise dos dados se observou que existe uma correlação forte entre os fenômenos da resiliência e do bem-estar subjetivo, sendo correto afirmar que indivíduos com traços fortes de resiliência apresentam maior pontuação nas escalas SWLS e PANAS – aspecto positivo, quando comparados com o grupo oposto. No que importa problematizar sobre a relação entre desempenho acadêmico e resiliência, a pesquisa demonstrou que avaliar desempenho acadêmico pela ideia de notas é insuficiente uma vez que rendimento acadêmico é algo complexo e dinâmico e neste sentido, estudos sobre o fenômeno da resiliência e o rendimento acadêmico só se mostrarão adequados quando considerarem os aspectos complexos de ambos os fenômenos. Consta-se então a necessidade da continuidade das pesquisas para ampliar a oferta de informações associadas ao tema.

Palavras chave: Resiliência, Bem-estar subjetivo, Rendimento Acadêmico, Universitários, Amazônia.

ABSTRACT

PERSON, Rockson Coast. Analysis of resilience, subjective well-being and academic performance of college students Amazon. (Academic Master in Psychology). Federal University of Amazonas. Manaus, 2014.

The dynamics of academia requires a high effort of college students to adapt to their demands and overcome their challenges successfully. Requiring the investigation of phenomena resilience and subjective well - being of these students. Resilience is a terminology borrowed from the hard sciences, and relates to the ability of certain materials to withstand external pressures. The subjective well - being refers to the assessment of quality of life for the individual, allowing them to think about how they feel and experience their lives. This research aimed to examine the effects of resilience on the subjective well -being and academic performance of college . The specific objectives were to identify the style of resilience of university students; investigate possible connections between styles of resilience and academic achievement and to examine possible relationships between styles of resilience and subjective well - being of the students. The theoretical framework chosen to build this work was: resilience, subjective well -being and academic performance. The survey was field with quantitative character. The instruments were administered the Brief Resilient Behavior Scale (Ribeiro; MORAL 2010 - adapted by Mascarenhas , 2011), the PANAS scale (Positive and Negative Affect Schelude) (DIENER et al, 1999, Adapted by Mascarenhas , 2008) and the Scale SWLS (Satisfaction with Life Scale) (DIENER et al., 1985, Adapted by Mascarenhas, 2008). The sample consists of 342 students from the city of Manaus and the municipality of Humaita. Data were statistically analyzed with SPSS support. As for the results it is prudent to affirm that compared college with strong traits of resilience with with faint traces, there are disagreements on what matters to consider coping strategies. The data show that college with faint traces of resilience , feature more significantly focused on emotion coping strategy, whereas the group of students with strong traits of resilience, use problem-focused coping. Even with the data analysis it was observed that there is close relationship between the phenomena of resilience and subjective well -being, credible state that individuals with strong traits of resilience have higher scores on SWLS and PANAS scales - positive, compared with opposite group. The study failed to demonstrate the relationship between academic performance and resilience, once both strong and weak individuals with traces of resilience showed no differences. It appears then, the need for continued research to expand the supply of information associated with the topic.

Key words: Resilience, Subjective well -being, academic performance, University, Amazon

LISTA DE SIGLAS

BES – Bem- Estar Subjetivo

EBCR – Escala Breve de *Coping* Resiliente

FAMETRO – Faculdade Metropolitana de Manaus – AM

PANAS – *Positive and Negative Affect Schelude*

SWLS - *Satisfaction With Life Scale*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM-IEAA – Universidade Federal do Amazonas Instituto de Educação, Agricultura e Ambiental

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Distribuição da classe temática, categorias temáticas, subcategorias e respectivas frequências dos comentários dos universitários com estilo forte de resiliência _____ 56

Quadro 2. Relato de universitários com estilo forte de resiliência que denunciam *Coping* focado no problema _____ 56

Quadro 3. Distribuição da classe temática, categorias temáticas, subcategorias e respectivas frequências dos comentários dos universitários com traço frágil de resiliência _____ 59

Quadro 4. Relato de universitários com estilo frágil de resiliência que denunciam *Coping* focado na emoção _____ 60

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Consistência Interna da Escala Breve de <i>Coping</i> Resiliente	41
Tabela 2. Consistência Interna da Escala <i>Satisfaction With Life</i>	42
Tabela 3. Consistência Interna da Escala PANAS – Aspecto positivo e negativo	42
Tabela 4. Correlações entre as escalas aplicadas	52
Tabela 5. Análise descritiva dos itens da EBCR	54
Tabela 6. Análise descritiva sobre as escalas aplicadas na pesquisa	54
Tabela 7. Se universitários com estilo forte de resiliência possuem ou não outra graduação	55
Tabela 8. Se universitários com estilo forte de resiliência já desistiram de outro curso superior	56
Tabela 9. Rendimento acadêmico dos universitários com estilo forte de resiliência	55
Tabela 10. Análise descritiva dos itens da EBCR aplicada em universitários com estilo frágil de resiliência	57
Tabela 11. Análise descritiva sobre as escalas aplicadas na pesquisa com universitários com estilo frágil de resiliência	57
Tabela 12. Se universitários com estilo frágil de resiliência possuem ou não outra graduação	61
Tabela 13. Se universitários com estilo frágil de resiliência já desistiram de outro curso superior	61
Tabela 14. Rendimento acadêmico dos universitários com estilo frágil de resiliência	59

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Teste de Normalidade Escala Breve de <i>Coping</i>	43
Gráfico 2 Teste de Normalidade <i>Satisfaction With Life Scale</i>	43
Gráfico 3. Teste de Normalidade PANAS- Aspectos positivos	44
Gráfico 4. Teste de Normalidade PANAS – Aspectos negativos	44
Gráfico 5. Teste de Normalidade PANAS – Aspectos positivos e negativos	44
Gráfico 6. Estabelecimentos de ensino superior onde os dados foram coletados	45
Gráfico 7. Cursos investigados na FAMETRO e na UFAM-IEAA	45
Gráfico 8. Período dos universitários entrevistados	46
Gráfico 9. Gênero dos universitários	46
Gráfico 10. Idades dos universitários entrevistados	47
Gráfico 11. Sobre possuir ou não outra graduação	47
Gráfico 12. Sobre ter abandonado ou não outra graduação	48
Gráfico 13. Sobre a ocupação dos universitários investigados	48
Gráfico 14. Sobre as questões étnicas dos universitários	49
Gráfico 15. A renda familiar informada pelos universitários	49
Gráfico 16. Com quem reside o universitário	50
Gráfico 17. Estado Civil do universitário	50
Gráfico 18 Sobre ter filhos ou não	51
Gráfico 19. Sobre a quantidade de filhos dos universitários	51
Gráfico 20. Sobre o rendimento acadêmico dos universitários	52
Gráfico 21. Estilos fortes e frágeis de resiliência identificados nos universitários investigados	53
Gráfico 22. Subcategorias que emergiram a partir da escrita dos acadêmicos com estilo forte de resiliência investigados	56
Gráfico 23. Subcategorias que emergiram a partir da escrita dos acadêmicos com estilo frágil de resiliência investigados	59

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A Instrumentos	80
ANEXO B Termo de consentimento livre esclarecido – TCLE	85
ANEXO C Declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos	86
ANEXO D Termo de Anuência da FAMETRO	87
ANEXO E Termo de Anuência da UFAM-IEAA	88
ANEXO F. Declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados	88
ANEXO G. Parecer do comitê de Ética em Pesquisa.	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	23
1.1. Resiliência	24
1.1.1. <i>Coping</i> e Resiliência	28
1.2. Bem-Estar Subjetivo	28
1.3. Rendimento acadêmico	31
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	33
2.1. O método investigativo	33
2.2. O delineamento da pesquisa	34
2.3. Instrumento	34
2.4. Participantes	35
2.4.1. Critério de inclusão	35
2.4.2. Critério de exclusão	36
2.5. Procedimentos	36
2.5.1. Coleta de dados	36
2.5.2. Análise de dados	36
2.6. Campo Empírico: especificidades do local	37
2.6.1. FAMETRO	37
2.6.2. UFAM-IEAA	38
2.7. O Caminho da pesquisa	41
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
3.1. Apresentação dos resultados	42
3.1.1. Consistência Interna	42
3.1.2. Teste de Normalidade	44
3.1.3. Análise Descritiva dos Dados	45
3.1.4. Correlações	54
3.1.5. Estilos de resiliência	54
3.1.5.1 Estilos fortes de resiliência	55
3.1.5.2 Estilos frágeis de resiliência	60
3.2. Discussão de resultados	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	80

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P475a PESSOA, ROCKSON COSTA
ANÁLISE DA RESILIÊNCIA, BEM-ESTAR SUBJETIVO E
RENDIMENTO ACADÊMICO E RENDIMENTO ACADÊMICO DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA AMAZÔNIA / ROCKSON
COSTA PESSOA. 2014
88 f.: 12,5 X 7,5 cm.

Orientadora: SUELY APARECIDA DO NASCIMENTO
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Resiliência. 2. bem-estar subjetivo. 3. rendimento acadêmico.
4. universitários. 5. Amazônia. I. NASCIMENTO, SUELY
APARECIDA DO II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

INTRODUÇÃO

A motivação para a realização dessa pesquisa se deu pela necessidade em melhor compreender o fenômeno da resiliência no ensino superior e sua relação com o bem estar subjetivo e rendimento acadêmico destes estudantes universitários. Deste modo buscando estabelecer novos diálogos e delimitações que possam facilitar inovações construtivas, bem como novos paradigmas no campo psicológico.

A educação superior onde muitos de nós já fomos aspirantes é algo que nos marca de modo significativo, seja pela descoberta de um mundo de possibilidades ou pelos temores que sempre povoam o novo pelos sentidos construídos. Por ser um universo que ainda carece de maiores investigações, consideramos que este estudo possa ajudar na elaboração de formas mais eficazes, no que tange compreender os aspectos psicossociais que estão intimamente envolvidos com a formação inicial.

Sabedores do quão impactante é a entrada na educação superior, aqui apreciamos os impactos positivo e negativo que estão atrelados a essa etapa na vida dos sujeitos, julgou-se pertinente investigar os fenômenos da resiliência e bem-estar subjetivo (BES) e relacioná-los com o rendimento acadêmico de universitários. Longe de considerarmos que esse estudo mudará de modo permanente o que sabemos sobre esses fenômenos, neste sentido a presente pesquisa visa contribuir com novos estudos que poderão ampliar as formas de considerar os diversos fenômenos investigados pela psicologia, cooperando ainda, na construção de novos modelos para a *práxis* psicológica

Seja pela elaboração de Agendas Educativas pelos profissionais de Educação, seja por trabalhos interventivos pelos profissionais de Psicologia. O estudo em questão se orienta pela busca de possibilidades no colaborar com a população universitária, ou seja na formulação de novos instrumentos psicológicos que permitirão destacar os aspectos da resiliência e bem-estar subjetivo (BES) nos indivíduos, ou pela possibilidade de relacionar aspectos psicossociais as variáveis ambientais e educacionais. O que permitirá no futuro, identificar fatores que auxiliem as pessoas a manter um desenvolvimento saudável na presença de adversidades, bem como a oportunidade destes indivíduos realizarem avaliações mais assertivas sobre si mesmos.

A educação superior brasileira, mais especificamente a partir dos anos 90, tem sofrido

uma forte expansão e democratização do seu sistema de ensino, de tal forma que este nível de ensino passou por uma ampliação do número de vagas oferecidas no período de 1991 a 2002, crescendo em 253% (GABRIEL; MOEHLECKE, 2011). Os números continuam em uma crescente e refletem políticas públicas que busca promover a democratização no Ensino Superior.

Uma das formas encontradas pelo governo federal de responder aos anseios da sociedade, que baseava-se nas melhorias da educação em todos os níveis, principalmente no nível superior, foi o lançamento do Programa “Universidade para Todos” (ProUni), em 2004, (SARAIVA; NUNES, 2011). Segundo Gabriel e Moehlecke (2011), programas como o ProUni permitiram que um novo estrato social adentrasse nas instituições de Ensino Superior. Seriam em sua grande maioria, oriundos de classes sociais mais desfavorecidas, sendo principalmente representantes das populações negras e indígenas.

Para Imaginário e Vieira (2011), a integração e aceitação social representam questões importantes para o aluno que acaba de ingressar no Ensino Superior, sendo o investimento nas relações interpessoais uma das maneiras de resolver estas questões. Segundo Teixeira et al (2008), quando o estudante se insere no Ensino Superior, vivencia uma transição que traz potenciais repercussões para seu desenvolvimento psicológico.

A adaptação à universidade se configura como uma situação complexa que envolve uma significativa quantidade de fatores interpessoais e contextuais (IMAGINÁRIO; VIEIRA, 2011). Para Guerreiro-Casanova e Polydoro (2010), esse processo de adaptação, além de complexo é multidimensional, sendo pleno de novos desafios acadêmicos cognitivos e afetivos.

O ingresso no universo acadêmico, bem como todo o percurso que antecede a essa conquista, talvez seja um dos processos mais impactantes na história dos sujeitos em nossa sociedade ocidental. Valendo destacar que a sensação de inospitalidade que surge em virtude da competição por uma vaga na universidade, não desaparece com a entrada na academia, pois ao adentrar nesse universo, o aluno ainda terá que vivenciar uma série de situações que poderão ser conflitivas ou não.

Os estudantes do ensino superior lidam com duas problemáticas ou desafios: a primeira representaria a necessidade de resolução de tarefas próprias de sua fase de desenvolvimento (construção de identidade, autonomia, autoconceito, autoestima e relacionamento interpessoal); e por outro lado, o de elaborar as mudanças e exigências

relacionados ao universo acadêmico (STOCKER; FARIA, 2008 *apud* DIXE et al., 2010), como a aceitação no novo grupo e adequação as exigências do mesmo, bem como com a necessidade de responder satisfatoriamente ao conteúdo das disciplinas de sua graduação.

Para Teixeira (2008), as experiências durante o primeiro ano da universidade são muito importantes para a permanência do aluno no Ensino Superior, de tal modo que a forma como os alunos se integram a este contexto faz com que eles possam aproveitar de modo satisfatório sua formação profissional. Segundo Imaginário e Vieira (2011), é importante ressaltar que em muitos casos, a entrada na universidade coincide com a saída de casa e a separação da família, o que pode ser um agravo para esse indivíduo que vivencia tamanha experiência pessoal.

Os centros universitários são espaços que permitem a investigação de uma série de fenômenos psicológicos, não causando estranhamento o fato de que muitos pesquisadores já começam a se aventurar nesse campo de investigação (VASCONCELOS; LIMA, 2004; OLIVEIRA, 2006; MONTEIRO; VASCONCELOS; ALMEIDA, 2005; ZAGO, 2006; JOLY, 2007; IGUE; BARIANI; MILANESI, 2008; ZAGO, 2008; DO NASCIMENTO MASCARENHAS; JESUS, 2009) dentre outros. Entretanto, conforme salienta Bardagi e Hutz (2014), as pesquisas ainda são insuficientes para explicar uma série de fenômenos que constituem o Ensino Superior.

Apesar de escassas, no que importa considerar aspectos relacionados a saúde, algumas pesquisas demonstram que estudantes do Ensino Superior são mais propensos a determinados comportamentos de riscos durante a vida universitária. Valendo destacar problemas com abuso de álcool e cigarros, problemas com alimentação, alterações no sono, inatividade física, ansiedade etc. (LUCAS et al., 2006; COLARES; FRANCA; GONZALEZ, 2009; BRASIL, 2010; SILVA; PEREIRA, 2010; FERREIRA et al., 2011; SOUZA, 2011; DE MARTINO; INABA, 2012; DE MARTINO; LING, 2012).

O ingresso no Ensino Superior é marcado por um período de vulnerabilidade (WAGNER; ANDRADE, 2008; FERREIRA et al., 2011; IMAGINÁRIO; VIEIRA, 2011; MARCHI ET AL., 2013). Os estudantes ao adentrarem no Ensino Superior são submetidos a considerável carga de estresse, que está intimamente relacionada às cobranças pessoais, expectativas familiares e encargos financeiros, bem como com as transformações maturacionais (neurobiológicas, fisiológicas e psicológicas), decorrentes da passagem da adolescência à vida

adulta (FERREIRA et al., 2011).

A integração a educação superior é marcada pelo enfrentamento de desafios impostos pelo início da carreira acadêmica (GUERREIRO-CASANOVA; POLYDORO, 2010). Para Dos Santos et al. (2011), a integração à vida acadêmica é um fenômeno multifacetado, constituído nas relações estabelecidas entre o acadêmico e a instituição de Ensino Superior.

Segundo Soares e Santos Mello (2011), pesquisas realizadas sobre vivências acadêmicas e adaptação à universidade sugerem que a maioria dos alunos que ingressam no curso superior revela agruras pessoais e acadêmicas diversas. Para Teixeira et al. (2011), de fato a experiência universitária não se caracteriza apenas por uma formação profissional, ao contrário, implica em uma série de transformações nas diversas redes de apoio social e de amizade.

O mundo acadêmico exemplifica a diversidade do campo psicológico, o que possibilita a pesquisa e observação dos mais variados fenômenos que constituem o sujeito e toda sua idiossincrasia. Segundo Dos Santos et al. (2011), é válido considerar que as dificuldades encontradas no contexto universitário são diversas, sendo importante destacar as questões pessoais dos estudantes e as exigências acadêmicas, que ao se relacionarem influenciam significativamente no desempenho acadêmico e no desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

Nessa infinidade de elementos que surgem, dois nos despertam uma maior inquietude e interesse: os fenômenos da resiliência e do BES. Buscar correlacioná-los ao rendimento acadêmico é permitir um desvelar de novas possibilidades no campo da pesquisa psicológica.

Resiliência é frequentemente considerada como forma de explicar “superação” dos indivíduos frente a crises e adversidades. Para Yunes (2003) entretanto apesar de alguns estudiosos reconhecerem a resiliência como um fenômeno comum e constituinte do desenvolvimento de todo e qualquer ser humano, outros salientam que é necessária uma cautela no emprego “naturalizado” do termo. Junqueira (2003), por exemplo, afirma ser necessária cautela no emprego da resiliência, pois a mesma pode assumir natureza “estigmatizadora”, ao ser atribuída somente pelos mais competentes e fortes.

A resiliência é um conceito que vem sendo construído e investigado, na Psicologia, por abordagens diversas (YUNES, 2003). Hoje um tema muito debatido e que tem sido desenvolvido ao passo dos anos, chegando na atualidade a sua terceira geração. Tal elemento busca considerar a capacidade de certos indivíduos apresentarem uma adaptação positiva frente

as adversidades (PELUSO; DO NASCIMENTO MASCARENHAS, 2011). A resiliência é uma terminologia emprestada das ciências exatas, tendo surgido nesse campo por volta de 1807; o termo origina-se do latim, *resilio*, *re + salio*, que significa “ser elástico” (TIMOSHEIBO, 1983), e diz respeito à capacidade dos materiais resistirem a certas pressões externas. Nas ciências humanas, mais precisamente na Psicologia, o termo designa a capacidade de certos indivíduos face aos obstáculos, manter-se firme e resistir e vencê-lo.

Os precursores do termo resiliência na Psicologia são os conceitos invencibilidade ou invulnerabilidade ainda bastante citados na literatura atual sobre resiliência (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

Existem alguns estudos que buscam considerar o fenômeno da resiliência no Ensino Superior (BELLO, 2011; PELUSO; MASCARENHAS, 2011; TRINDADE, 2011; DIXE et al., 2010; BENAZET, 2009; OLIVEIRA, 2009; PEREIRA et al., 2008; SOUZA, 2008). Apesar dos trabalhos, ainda existem muitas inquietações sobre o fenômeno resiliência no contexto educacional.

A investigação do fenômeno da resiliência no contexto educacional fez surgir o novo conceito *Educational Resilience* (SOUZA, 2008). Segundo Wang, Haertel e Walberg (*apud* SOUZA, 2008), esse novo conceito estaria preocupado em investigar a probabilidade elevada de sucesso na escola e outras formas de vida e realizações, mesmo com a presença das adversidades ambientais trazidas por traços precoces, condições e experiências. Para Trindade (2011), no que importa investigar o fenômeno da resiliência, o sistema educativo é deveras importante, uma vez que permite responder a questões como: qual a influência do meio escolar no desenvolvimento da resiliência no indivíduo?

A entrada no Ensino Superior, apesar das dificuldades que surgem é também um período rico para o desenvolvimento de competências acadêmicas e pessoais que lhe permite ser resiliente e saber lidar com a mudança, possibilitando assim alcançar sucesso acadêmico e pessoal (PEREIRA, 2008). Nessa mesma direção, Silva (2007) e Bello (2013) discutem sobre a possibilidade de se despertar a resiliência em um grupo, a partir do conhecimento de sua história e análise de contexto.

Assim como a resiliência, o BES é outra temática da Psicologia que muito tem crescido na atualidade e possui diversas nomeações nos mais variados estudos, tais como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo (PELUSO; MASCARENHAS, 2011). Segundo Galinha e Ribeiro (2005), o BES seria uma dimensão positiva da Saúde e pode ser

considerado, simultaneamente, como um conceito abstruso, que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, é um campo de estudo que compreende outros amplos conceitos e esferas de estudo como, por exemplo, qualidade de vida, o afeto negativo e positivo.

Segundo Mascarenhas e Peluso (2011), a literatura sobre bem-estar subjetivo em seus diferentes aspectos experimentou crescimento nas duas últimas décadas, sendo um ramo que compreende que a satisfação com a vida é o indicador-chave de bem-estar.

O BES, tal como é utilizado hoje, foi empregado pela primeira vez por Wilson (GALINHA; PAIS-RIBEIRO, 2005 *apud* IMAGINÁRIO; VIEIRA, 2011). Para Nascimento Mascarenhas e Peluso (2011), o BES está relacionado com o que cada pessoa avalia ser suficiente para sua vida.

Ao realizar juízo de sua existência, o sujeito faz uma avaliação de todos os níveis de sua vida, como por exemplo: felicidade, emoções agradáveis, satisfação com a vida e a ausência de humor ou emoções desagradáveis (DIENER; BISWAS-DIENER, 2000 *apud* IMAGINÁRIO; VIEIRA, 2011).

Dentro do contexto universitário o BES influencia o rendimento do aluno, a partir de estudos já elaborados, é conclusivo que a realização acadêmica faz parte dos fatores de felicidade, na opinião de sujeitos brasileiros universitários (DELA COLETA; DELA COLETA; DIENER, 1996; DELA COLETA; DELA COLETA; DELA COLETA, 2005; COLETA; COLETA, 2006; MASCARENHAS; PELUSO, 2011) que demonstram a avaliação do BES de modo positivo por acadêmicos e a necessidade da investigação interdisciplinar e orientação educativa no ensino superior que possam contribuir para a promoção e a saúde psicológica dos estudantes.

A literatura científica brasileira começou a demonstrar maior interesse pela temática BES (DELA COLETA; DELA COLETA, 2006). Neste sentido é válido destacar que já existam trabalhos expressivos na área que buscam relacionar BES e ensino superior (SILVA; COELHO; SPOSITO, 2013; TEIXEIRA, 2013; RYAN; FREDERICK, 2013; GOUVEIA, 2012; PEREIRA, 2012; DUARTE; IMAGINÁRIO; DE JESUS, 2011; HUTZ; ZANON, 2011; ZANON; HUTZ, 2010).

Com o ingresso na universidade, o estudante busca além da resolução de questões pessoais e próprias de seu desenvolvimento, resolver exigências que são próprias da graduação. De certo modo, deve alcançar um bom desenvolvimento acadêmico. Para Rodrigues (2010), o sucesso acadêmico compreende o atingir de metas, em um determinado período estabelecido

pela instituição de ensino. Segundo Bardagi e Hutz (2012), a avaliação do rendimento acadêmico depende da forma como a produção acadêmica é avaliada em cada instituição, curso ou disciplina e não se resume apenas às notas ou percentuais de aprovação/ reprovação dos alunos, entretanto boa parte das instituições não divulga o desempenho acadêmico de seus alunos.

A investigação do rendimento acadêmico é bastante relevante, uma vez que pesquisas apontam que alunos que apresentam problemas de rendimento devem ser vistos como um grupo de risco à evasão ou candidatos a uma trajetória acadêmica desregular (ALLEN et al., 2008; BARDAGI; HUTZ, 2012). Ainda neste sentido, é válido destacar a dissertação de Galdino (2013) que a partir de seus resultados, assinala a necessidade de ampliação das atividades de orientação de estudantes universitários.

Mediante a essa contextualização, a pesquisa teve a seguinte questão problema: Quais análises podem ser construídas a partir da possível influência do fenômeno psicológico resiliência sobre o bem estar subjetivo e o rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia? Com o objetivo geral de analisar os efeitos do fenômeno da resiliência sobre o bem estar subjetivo e o rendimento de estudantes universitários da Amazônia. Especificamente na pesquisa visou-se identificar o estilo de resiliência dos estudantes universitário; relacionar os estilos de resiliência às estratégias *coping* dos universitários; investigar as possíveis relações entre estilos de resiliências e rendimento acadêmico e verificar possíveis relações entre estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos.

Na sequência deste trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo versa sobre o referencial teórico considerado para este estudo, a saber a resiliência, *coping*, bem estar subjetivo e rendimento acadêmico. Sendo os autores considerados para essa construção os seguintes: Lipp e Novaes (2000), Yunes e Szymanski (2001), Aguerre (2002), Giacomoni (2004), Vendramini et al. (2004), Galinha e Ribeiro (2005), Gazzaniga e Heatherton (2005), Monteiro, Vasconcelos e Almeida (2005), Straub (2005), Aznar-Farias e Oliveira-Monteiro (2006), Dela Coleta e De Coleta (2006), Oliveira, Mininel e Felli (2006), Albuquerque e Lima (2007), Laranjeira (2007) Angst (2009), Busnello; Schaefer; Kristensen (2009), Noronha et al (2009), Rodrigues (2010), Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) e Lopes (2011), Bardagi e Hutz (2012).

O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico e nesse intuito destaca a

pesquisa de campo e quanti-qualitativa adotada, a partir de uma amostra intencional não probabilística de (n=342) acadêmicos de universidade pública do município de Humaitá e de faculdade particular da cidade de Manaus. Para coleta de dados foram utilizados os instrumentos: Escala Breve do Comportamento Resiliente (RIBEIRO; MORAIS, 2010 - adaptada por MASCARENHAS, 2011), a Escala PANAS (Positive and Negative Affect Schelude) (DIENER *et al*, 1999, Adaptada por MASCARENHAS, 2008) e a Escala SWLS (Satisfaction with Life Scale) (DIENER *et al*, 1985, Adaptada por MASCARENHAS, 2008).

O terceiro capítulo é apresentada a pesquisa empírica proposta nesta dissertação, bem como a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos. Por último, nas considerações são problematizados os principais achados da pesquisa, suas possibilidades, limites e as considerações finais.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da década de 1950, a revolução tecnológica tornou a educação universitária ou a formação especializada cada vez mais essencial. Hoje o caminho para a vida adulta é marcado por múltiplas referências - ingressar na universidade, sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010). Segundo Almeida (2003), o ensino superior tem vindo, na generalidade dos países, permitir a públicos cada vez mais heterogêneos uma oportunidade de graduação, passando de um “ensino de elites” para um “ensino de massas”.

O ensino superior no Brasil é marcado por um processo de expansão com base na privatização, sendo as mudanças hoje percebidas pelo resultado de novas legislações e programas específicos, que foram iniciados no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (JÚNIOR, 2013). É no governo de Luís Inácio Lula da Silva que vislumbramos os primeiros contornos do que hoje é perceptível: uma educação para todos, mas que também é marcada pela expansão sem precedentes de Instituições de Ensino Superior (IES) privadas e o agravamento do sucateamento e do abandono das universidades públicas.

Segundo Almeida et al. (2013), na década de 1990, o Brasil apresentava em seu sistema de ensino superior um total de 922 Instituições de Educação Superior (IES), com 6.644 cursos e 1.868.529 alunos matriculados. Em 2000, dez anos depois, o país apresentava um total de 1.180 IES, sendo 1.004 instituições privadas e 176 públicas. Em 2005 já eram 2.165 IES (89,3% instituições privadas) que ofertavam 20.407 cursos de graduação presencial. Segundo o censo da Educação Superior de 2009, realizado pelo Ministério da Educação em 2011 (BRASIL, 2011 *apud* ALMEIDA et al., 2013), há um total de 2.314 IES, 28.966 cursos, 5.954.021 estudantes e 307.815 docentes.

Distante de discutir sobre os aspectos políticos responsáveis pela expansão do ensino superior no Brasil, é impreterível afirmar que o ingresso na universidade apresenta mudanças e novas formas de expressão, uma vez que não representa apenas um rito de passagem da adolescência para a vida adulta, e sim a oportunidade de acesso a este nível de ensino para pessoas das mais diversas fases do ciclo vital.

1.1 RESILIÊNCIA

Rotineiramente as pessoas se questionam o porquê de alguns indivíduos vivenciarem certas situações mobilizantes e de certo modo, apresentarem pouco ou nenhum impacto aparente frente a esses acontecimentos negativos. Quando na análise do fenômeno, se observa que na década de 1970 e 1980, por exemplo, alguns pesquisadores americanos e ingleses passaram a investigar esse fenômeno, o qual foi denominado de resiliência.

O conceito resiliência é considerado muito amplo, conflituoso, dinâmico, e ainda está em fase de estruturação na Psicologia (AZNAR – FARIAS; OLIVEIRA-MONTEIRO, 2006). Por muito tempo tal conceito considerava que os indivíduos seriam possuidores de personalidade herdada geneticamente, que lhes permitiam uma suposta invulnerabilidade, com o passar das décadas essa perspectiva tornou-se muito limitada (SOUZA; CERVENY, 2006).

O tronco conceitual da resiliência origina-se do latim, resilio, *re + salio*, que tem por definição “ser elástico”. Segundo Timosheibo (1983) o termo resiliência surgiu em 1807, no cenário científico moderno compondo o vocabulário da Física e da Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young (1773 – 1829).

A resiliência aplicada às Ciências Sociais e Humanas vem sendo empregada há poucos anos, sendo válido afirmar que estudo e investigação no Brasil restringe-se a um número limitado de pessoas de certos grupos acadêmicos (YUNES; SZYMANSKY, 2001). Para Angst (2009) a resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade a prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada.

A aplicação do termo resiliência, nas ciências humanas se dá em torno de 1960, buscando sugerir a inter-relação entre forças biológicas e psicológicas impetradas para alcançar os objetivos desejados. Para tal, seria resiliente o indivíduo que fosse capaz de identificar seus problemas, opor-se as dificuldades, e ainda seria capaz de solucionar os problemas de forma adaptativa (FLACH, 1991).

Os precursores do conceito resiliência na Psicologia são os termos invulnerabilidade e/ou invencibilidade. No início denominaram-no de invulnerabilidade, sendo tal definição conceito substituída por conta do amadurecimento das pesquisas no campo da resiliência (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI –NASCIMENTO, 2011).

Segundo Yunes e Szymansky (2001), foi o psiquiatra infantil E.J. Anthony o primeiro

que cunhou o termo invulnerabilidade em 1974, ao elaborar um conteúdo em psicopatologia do desenvolvimento, para descrever crianças que, apesar de extensos períodos de adversidades e estresse psicológico, demonstravam saúde emocional e alta competência. No que importa considerar seu emprego na Psicologia, Afonso (2011) afirma que um dos primeiros a empregar o conceito foi Kobasa em 1979, partindo de um enfoque existencialista. Para Yunes e Szymansky (2001) importa afirmar que Michael Rutter (1985 e 1983) foi um dos pioneiros no estudo da resiliência.

O termo resiliência se mostra mais satisfatório por referir-se à habilidade de enfrentar e construir de forma positiva, em situações negativas, ou seja, a pessoa experimentaria a situação adversa, em contrapartida, quando se emprega o sentido de invulnerabilidade, sinaliza-se uma condição de não vivência de situações, o que de fato não ocorre. Contudo, vale ressaltar que ainda hoje, muitos consideram a resiliência como sendo um modelo de capacidade sobre-humana.

Por mais que a resiliência se configure como algo relativamente novo no campo das ciências humanas, é nítido que seu emprego nos contextos médico-psico-social ainda é tímido. Porém, vale destacar que na Psicologia tem se apresentado como via teórica emergente para compreender e discutir diversas interrogações que surgem quando se analisa os mais variados comportamentos dos indivíduos (PINHEIRO, 2004).

No Brasil o conceito resiliência e seus significados ainda permanecem como “ilustres desconhecidos” para a maioria dos indivíduos, enquanto que em países europeus, nos Estados Unidos e Canadá o termo resiliência é bem utilizado, sendo a base de programas políticos de ação social e educacional (YUNES, SZYMANSKI, 2001).

Quando se compreende a natureza da resiliência, ou seja, essa capacidade de responder às situações ameaçadoras de modo positivo, se deve considerar tal capacidade como resultado de combinação entre os atributos do indivíduo e de seu ambiente familiar, social e cultural que se entrelaçam ao longo do seu desenvolvimento (NORONHA *et al.*, 2009).

É um fenômeno dinâmico que se estabelece a partir das vivências do sujeito, bem como, por suas interações no meio, o que permite a capacidade de resistência frente as situações que possam configurar ameaça ao seu bem-estar (SILVA *et al.*, 2005). Ao longo do ciclo vital, o indivíduo é exposto as mais variadas situações, muitas delas configurando-se como desafios que os impelem ao desenvolvimento pleno e adequado.

Existem também situações que se apresentam como desafios esmagadores e nesse momento existem formas de responder a tais fatores. Sendo assim, discutir resiliência é focar em desenvolvimento humano (BUSNELLO *et al.*, 2009; NORONHA *et al.*, 2009). O que implica em falar não apenas nos riscos inerentes nas circunstâncias vividas pelo indivíduo, mas também, desvelar os processos que permitem a existência de fenômenos imbricados que acabam por proteger os sujeitos. (SILVA *et al.*, 2005).

A partir da década de 1990, ampliando os conhecimentos sobre o tema da resiliência, pesquisas revelam a resiliência como sendo um fenômeno comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano enquanto outras linhas de investigação enfatizam a necessidade de cautela no uso naturalizado do termo, sendo frequentemente referido por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações. (NORONHA *et al.*, 2009)

É interessante observar que tal capacidade adaptativa é oriunda da flexibilidade emocional, comportamental e principalmente mental (VANDENBOS *et al.*, 2010), revelando que por trás desse processo de ajustamento de alguns indivíduos existe a natureza gerenciadora do córtex humano, mais especificamente do córtex pré-frontal, responsável pela orquestração de componentes da cognição, denominados “processos mentais superiores”.

Apesar das investigações feitas no âmbito do termo resiliência apontarem para a ideia de que representa um conjunto de características que podem desempenhar uma função protetora face a acontecimentos negativos (e não como um traço estável da personalidade), parece não haver consenso em termos de definição universal, do mesmo modo que não é percebido uma concordância quanto aos instrumentos mais sensíveis para avaliá-la. Uma das possibilidades de explicar essa falta de consenso reside no fato da resiliência ser compreendida como um traço de personalidade, resultante de um processo, ser o processo em si ou, até mesmo, ser vista como um modo específico de funcionamento (ANAUT, 2005 *apud* AFONSO, 2011)

Ao longo da história a resiliência sofreu reformulações, sendo possível observar algumas gerações de pesquisadores que passam a considerá-la a partir de perspectivas distintas (PINHEIRO, 2004).

A primeira geração surgiu nos anos 70 e considerou aspectos individuais dos sujeitos, em uma perspectiva de invencibilidade e invulnerabilidade (KOBASA, 1979; RUTTER, 1985; MASTEN; GARMEZY, 1985; WERNER; SMITH, 1992; RUTTER, 1993; ZIMMERMAN;

ARUNKUMAR, 1994; HANDY et al., 2004). Um dos trabalhos mais recentes, é o elaborado por Santos (2001), que afirma que existe sim uma estrutura de personalidade, no entanto esta não é fixa nem imutável.

Ainda sobre a primeira geração Serqueira (2009) reforça que essa corrente estava preocupada em identificar fatores protetores que estivessem presentes na invulnerabilidade ou na adaptação (INFANTE, 2005 *apud* SERQUEIRA, 2009). É válido salientar que segundo Infante (2005), o desenvolvimento histórico da primeira geração começa a ampliar o foco da pesquisa, deslocando seu foco investigativo para qualidades pessoais, que permitiriam superar a adversidade (como a autoestima e autonomia) para um objetivo de melhor compreender os fatores externos ao indivíduo (nível socioeconômico, estrutura familiar, presença de um adulto próximo).

Ainda Infante (2005) esclarece que a maioria dos pesquisadores dessa geração se identificou como o modelo triádico de resiliência, que consiste em organizar os fatores resilientes e de risco em três grupos: os atributos individuais, os aspectos da família e as características dos ambientes sociais que compõe o universo social dos indivíduos.

A segunda geração de pesquisadores surge na década de 90 e estava preocupada em identificar fatores que facilitassem o desenvolvimento da resiliência, sendo que a maioria dos pesquisadores pertencentes a essa geração simpatizava com a perspectiva ou modelo ecológico transicional da resiliência, que em linhas gerais concebe um indivíduo imerso em uma ecologia determinada por diferentes níveis, que interagem entre si, desempenhando influência direta em seu desenvolvimento (INFANTE, 2005; SERQUEIRA, 2009).

Como visto, o conceito de resiliência é complexo e tem variadas formas de compreensão e análise. Em face disso, e buscando uma forma de análise mais coerente, consideramos a perspectiva de que a resiliência é a expressão de uma interação entre indivíduo e o seu meio ambiente (LARANJEIRA, 2007).

Este trabalho versa sobre a resiliência a partir de uma concepção de que todos os sujeitos possuem traços de resiliência, sendo esses traços mais consistentes em alguns quando comparados com outros indivíduos, a partir da história de vida da cada sujeito e pelas adversidades vividas por cada um desses sujeitos, nos aproximamos da ideia de resiliência compartilhada por Aguerre (2002) e Laranjeira (2007), que abordam a resiliência como um funcionamento estabelecido desde longa data, entretanto não é possível assegurar que tal

comportamento seja resultado único da infância, uma vez que pesquisas recentes apontam para que, na idade adulta, também se possa restituir esta capacidade, através de relações significativas (POLLER; KOLLER, 2008 *apud* LOPES 2011).

1.1.1 *Coping* e Resiliência

Ao problematizar sobre o fenômeno de resiliência, é notório que tal conceito surge atrelado a impacto. Resiliência como uma forma de responder a algo que mobiliza o sujeito. Barbosa (2006), por exemplo, defende que a resiliência é a expressão da procura de soluções geradas na angústia humana. Ainda segundo o autor, a angústia surge quando o indivíduo percebe que sua sobrevivência física, social, cultural, psicológica, espiritual, profissional e outras formas de avaliar existência, está em risco, logo precisando buscar dentro de si, recursos que vão além dos esquemas habituais ou cognitivos.

Ao se analisar a definição de Barbosa (2006), se percebe a ideia de uma resiliência que seria semelhante a uma resposta ao que denominamos de Estresse, a que denominamos *coping*. Segundo Gazzaniga e Heatherton (2005), o estresse é um componente comum na vida das pessoas e que consiste em determinadas respostas emocionais; é composto por dois elementos: o estressor (o evento ou estímulo) que causa o impacto e o manejo ou *coping*, que seria a resposta dada a partir da instalação ou surgimento do problema.

O modo como cada indivíduo reage ao evento estressor experimentado depende, entre muitos fatores, dos aspectos psicológicos que o constituem como, por exemplo, a resiliência. O modo de resposta a um mesmo estressor varia de pessoa para pessoa, e tal singularidade é melhor explicada pela percepção que cada um tem sobre o mundo e de sua avaliação cognitiva ou “crença” sobre a situação estressante, bem como sobre seus recursos para responder ao estresse (BUSNELLO; SCHAEFER; KRISTENSEN, 2009).

O termo estresse, assim como o termo resiliência, é um conceito criado pelas ciências exatas, para ser mais exato, surge da Engenharia, e representa a capacidade de um material em resistir a determinada pressão. O termo é empregado pela primeira vez em 1916 por Hans Selye, médico endocrinologista que descobriu padrões fisiológicos em camundongos, quando estes eram intencionalmente estressados. De acordo com Gazzaniga e Heatherton (2005), Selye descobriu o padrão de suprarrenais aumentadas, úlceras estomacais e alterações no baço, ao

aplicar o modelo animal em humanos, obteve os mesmos padrões fisiológicos e endocrinológicos. O estresse representa uma dualidade. Segundo Straub (2005) e Gazzaniga e Heatherton (2005), ao sermos expostos ao estresse, nos preparamos para lutar ou fugir. O conceito de luta e fuga, foi proposto por Walter Canon e representa a resposta do corpo a eventos estressantes.

Para Lipp e Novaes (2000), o estresse surge quando as tensões do dia a dia parecem ter o poder de esmagar o indivíduo, ou seja, se mostram superiores à capacidade de superá-las, o que impede o sujeito de resistir ou de elaborar estratégias para lidar com esse estressor.

De acordo Busnello et al. (2009), as estratégias *coping* representam os recursos cognitivos, emocionais e comportamentais que o indivíduo emprega para resolver os eventos estressores e estão intimamente relacionados com a resiliência, uma vez que estas estratégias são orientadas para a redução do estresse em situações adversas. Ainda a autora informa que o estudo sobre o fenômeno *coping* iniciou na década de 60 por Lazarus e Folkman.

1.2 BEM – ESTAR SUBJETIVO

A história do conceito do Bem-Estar Subjetivo (BES) é atual. Valendo considerar como marco histórico, a tese de Wilson (1960) como pedra fundamental que comporta o nascimento do termo, uma vez que no referido tese, foi empregada pela primeira vez o termo de Bem-estar, tal como o conhecemos hoje. A proposta de Wilson (1960) buscou relacionar o construto “bem-estar” aos conceitos de satisfação e felicidade (DIENER; SUH; LUCAS; SMITH, 1999 *apud* GALINHA; RIBEIRO, 2005).

O BES é uma temática que tem crescido recentemente na Psicologia. Esse campo contempla pesquisas que vem utilizado muitas nomeações, valendo destacar os termos mais rotineiros como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo. O BES pode ser entendido como a avaliação subjetiva da qualidade de vida pelo próprio indivíduo, ou seja, refere-se ao trabalho empregado pelos indivíduos que lhes permite pensar e como eles se sentem e experimentam sobre suas vidas (GIACOMONI, 2004). Nas últimas décadas esse tema vem crescendo de modo considerável (MARCONCIN *et al.*, 2012) e se desdobrando em um corpo teórico discutido no campo da Psicologia Positiva.

Tal construto é considerado como sendo uma extensão positiva da Saúde, de tal modo que é considerado, concomitantemente, como sendo um conceito complexo que integra uma

dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, e um campo de estudo que abarca outros grandes conceitos e domínios. É um conceito recente que experimentou significativo crescimento nas duas últimas décadas (DELA COLETA; DELA COLETA, 2006). Que desperta nesse percurso, o interesse generalizado de muitas vertentes da Psicologia, valendo destacar a Psicologia Positiva, e que tem vindo a robustecer a sua identidade, à medida que os estudos vão admitindo a sua estrutura e sistema de conceitos associados. (GALINHA; RIBEIRO, 2005).

O BES se constitui como uma entidade multidimensional que agrega um elemento cognitivo, relativo aos juízos sobre o contentamento com a vida, a um elemento afetivo que remete para componentes emocionais, sejam elas positivas ou negativas, face aos referidos juízos (DIENER; LUCAS, 1999 *apud* ALBUQUERQUE; LIMA, 2007).

Existem três feições do BES, que são: a) o bem-estar subjetivo nem sempre é influenciado por condições materiais, de saúde, conforto e riqueza, sendo necessário compreender que a influência destes aspectos na relação com os valores e expectativas do indivíduo frente ao grupo e a sociedade onde convive; b) medidas de aspectos positivos têm sido utilizadas, a despeito dos aspectos negativos na vida do indivíduo, sabendo-se que o bem-estar subjetivo tem sido considerado como resultado do balanço entre inclinações positivas e negativas, sendo desconhecido até o momento como eles se contrapesam; c) por último, as medidas de bem-estar subjetivo englobam um julgamento integral de todos os aspectos da vida, onde se faz a avaliação geral da vida do indivíduo (FREIRE, 2001 *apud* DELA COLETA; DELA COLETA, 2006),

1.3 RENDIMENTO ACADÊMICO

A entrada na Universidade surge agregada ao acréscimo da autonomia e da independência em vários aspectos, principalmente nos níveis: pessoal, social e acadêmico. Este momento de passagem determina concomitantemente o desenvolvimento da capacidade de autodisciplina e de auto regulação, para que o sujeito possa dar uma resposta adequada às novas exigências do sistema de ensino-aprendizagem onde está inserido (MONTEIRO; VASCONCELOS; ALMEIDA, 2005).

Estimar desempenho acadêmico não é tarefa simplificada quando se considera o número de variáveis que devem ser consideradas. Porém tem-se a nota como um fator

importante para a vida, decisões e progressão na vida acadêmica, valendo destacar que muitos pesquisadores optam pelo uso da média final de todas as disciplinas semestrais como índice informativo do desempenho acadêmico, em função da centralidade que esse item ocupa nas decisões que envolvem a vida acadêmica do estudante. (OLIVEIRA; MININEL; FELLI, 2006).

O rendimento acadêmico é elemento central na avaliação do aluno e de sua integração ao ensino superior, sendo que habitualmente se relaciona com o prestígio e reconhecimento em relação a colegas e professores (VENDRAMINI et al., 2004).

A pesquisa relacionada ao rendimento acadêmico é rotineiramente realizada a partir do desempenho percebido pelos próprios universitários, em termos de notas e na comparação com o restante dos colegas. Estudos internacionais que avaliam rendimento acadêmico a partir das notas semestrais e da taxa de permanência dos alunos demonstram correlações positivas entre características de personalidade como otimismo e rendimento acadêmico (MONTEIRO et al., 2008 *apud* BARDAGI; HUTZ, 2012).

O rendimento acadêmico é determinado por um conjunto complexo de variáveis prévias à entrada na instituição de ensino superior, relativas à organização e estrutura acadêmica e das características pessoais do aluno (BROWN et al., 2008 *apud* BARDAGI; HUTZ, 2012).

O rendimento acadêmico pode ser influenciado por: a) *questões individuais* (intrínsecas do aluno) que compreendem fatores psicológicos, percurso escolar do estudante, histórico de notas, renda familiar e contatos pessoais; b) *questões pedagógicas/didáticas* que representariam a relação estabelecida entre professores e alunos, grau de atratividade do curso e forma como conteúdos são repassados; c) *questões institucionais*, como a frequência do aluno, o grau de integração/participação, equipamentos e serviços disponíveis na universidade, e por último e não menos importante d) *fatores ambientais* (externos) como a mudança de cidade e transição para novas culturas (CORREIA; GONÇALVES; PILE, 2004; MARTINS, 2004 *apud* RODRIGUES, 2010).

É válido ressaltar que nossa compreensão sobre o rendimento acerca do rendimento acadêmica se aproxima da dos autores Giacaglia e Penteado (*apud* ZILMAR, 2013) que afirmam que as dificuldades do aluno, quanto ao rendimento, podem surgir por conta de uma disciplina ou várias, mas sem desconsiderar que podem ocorrer por fatores externos,

dificuldades na família, problemas de saúde, ou na didática do professor e até mesmo por falta de interesse do próprio aluno.

Entretanto pela dificuldade em eleger um instrumento ou questionário que pudesse dimensionar o rendimento acadêmico como fenômeno multifacetado que é, se optou utilizar a avaliação do universitário quanto ao seu próprio rendimento, como uma maneira de se aproximar da realidade do rendimento acadêmico.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo pretende-se apresentar a metodologia construída para a realização da pesquisa acerca das relações entre resiliência, bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico em universitários da cidade de Manaus e do município de Humaitá, no interior Amazonas. Inicialmente, apresenta-se uma exposição dos fundamentos do método utilizado nessa pesquisa, seguida de considerações sobre a, articulação entre os fenômenos investigados e o método escolhido a pesquisa descritiva, fundamentada na pesquisa básica de campo. A seguir, situa-se o campo empírico e os procedimentos.

A metodologia de pesquisa orientou-se pela natureza quanti-qualitativa uma vez que unir dois tipos de pesquisa permitiu uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno. A abordagem quantitativa possibilitou correlacionar as variáveis dependentes (desempenho acadêmico e bem-estar subjetivo), e a independente (os estilos de resiliência), enquanto que a qualitativa permitiu analisar conteúdos relacionados aos estilos de coping dos universitários com estilos distintos de resiliência.

Para Ghunter (2006) a pesquisa quantitativa busca pela objetividade permitir a investigação dos significados da realidade social. E complementando essa idéia, Smith (1983) salienta que o modelo quantitativo busca analisar os fenômenos inextricavelmente mesclados nos sujeitos da pesquisa, permitindo assim, a análise dos resultados encontrados na sociedade. Já a pesquisa qualitativa, para Flick (2004) consiste na escolha de métodos e teorias oportunas, no reconhecimento e na análise de distintos pontos de vista, nas ponderações dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de construção do conhecimento, assim como na variedade de abordagens e métodos.

2.1 O MÉTODO INVESTIGATIVO

O presente estudo é uma pesquisa básica de objetivo descritivo e exploratório de campo e quanti-qualitativa. De acordo com Kantowitz, Roediger III e Elmes (2006), a pesquisa básica não tem alvo específico, uma vez que está preocupada em estabelecer um conjunto de dados, explicações teóricas e conceitos que podem ser empregados por outros pesquisadores

da pesquisa aplicada, que em linhas gerais, seria a vertente preocupada em resolver um problema específico.

A pesquisa descritiva é aquela em que a interferência do pesquisador busca ser mínima, isto é, ele descreve o objeto da pesquisa. Nessa modalidade, cabe ao investigador descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, causas, relações e possíveis conexões com outros fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2007).

Segundo Diez e Horn (2004), o procedimento de campo tem por finalidade recolher, registrar, ordenar e comparar dados obtidos a partir da coleta em campo, sendo uma modalidade de pesquisa muito usada na Sociologia, Psicologia, Antropologia, dentre outras ciências.

Caracteriza-se como pesquisa do tipo transversal, pois estudou um fenômeno em um determinado momento. Nas palavras de Almeida e Freire (1997), a pesquisa transversal é aquela em que os participantes são avaliados uma única vez em um dado momento.

A pesquisa quantitativa é orientada pela filosofia positivista e tem íntima relação com a objetividade (OLLAIK; ZILLER, 2012). Busca mensurar variáveis e até mesmo correlacioná-las. Para Martins (2004), a base da pesquisa quantitativa é a objetividade, tendo um caráter explicativo. Enquanto que a pesquisa qualitativa, na avaliação de Turato (2005), tem como primordial o interesse do pesquisador, que volta-se para a busca do significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos.

2.2 O DELINEAMENTO DA PESQUISA

Com o intuito de analisar a relação entre o fenômeno psicológico resiliência, o BES e o rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia, foi elaborada uma pesquisa quanti-qualitativa, de campo, descritiva e transversal. Com o objetivo geral de analisar os efeitos do fenômeno da resiliência sobre o bem estar subjetivo e o rendimento de estudantes universitários da Amazônia e especificamente na pesquisa visou-se identificar os estilos de resiliência dos estudantes universitários; relacionar os estilos de resiliência às estratégias *coping* dos universitários; investigar as possíveis relações entre estilos de resiliências e rendimento acadêmico e verificar possíveis relações entre estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos.

identificar o estilo de resiliência dos estudantes universitário; investigar as possíveis relações entre estilos de resiliências e rendimento acadêmicos, verificar possíveis relações entre

estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos e relacionar os estilos de resiliência às estratégias *coping* dos universitários, pelo intuito de averiguar a hipótese elaborada para este estudo que avaliou que os universitários com estilos fortes de resiliência apresentariam melhores rendimentos nas quando comparados com os estudantes com estilos frágeis de resiliência dimensões em análise.

Para a coleta de dados recorreremos à aplicação de caderno de instrumentos (**ANEXO A**), os quais são listados abaixo:

1. EBCR - Escala *Breve de Coping Resiliente* - EBCR (RIBEIRO; MORAIS, 2010) que possibilita diagnosticar o perfil de resiliência avaliada como *coping* aplicada a universitários. A escala é constituída por 4 itens repartidos numa escala tipo *likert* de 5 pontos, sendo 1. Quase nunca, 2. Ocasionalmente; 3. Muitas vezes, 4. Com muita frequência e 5. Quase sempre.
2. Escala PANAS (*Positive and Negative Affect Schelude*) (DIENER et al., 1985, Adaptação com autorização: Suely Mascarenhas, 2008). – Afetividade positiva e afetividade negativa – 22 itens, elaborada num formato *likert* de 5 pontos sendo: 1, se experimentou esse sentimento ou emoção “muito pouco ou nada”; no quadradinho número 2, se os experimentou “um pouco”, 3, se mais ou menos, 4, se muito e 5, se muitíssimo.
3. Escala SWLS (*Satisfaction with Life Scale*) (DIENER et al., 1985, Adaptação com autorização: Suely Mascarenhas, 2008), avalia a satisfação com a vida, uma dimensão do bem-estar subjetivo (BES), constituída por 5 itens num formato *likert* de 5 pontos :1. DM= Discordo Muito, 2.DP = Discordo Um Pouco, 3.NCND = Não Concordo Nem Discordo, 4.CP = Concordo Um Pouco e 5. CM = Concordo Muito. Os dados foram analisados com o auxílio do programa SPSS, versão 15.0 de acordo com os objetivos da investigação.
4. Questionário sociodemográfico, com objetivo de melhor investigar as dimensões constituintes dos participantes. Sobre o Questionário sociodemográfico é importante pontuar que o mesmo apresenta a vantagem de ser facilmente respondido e é objetivo, o que favorecerá na análise quantitativa (MINAYO; SANCHES, 2009) e posteriormente permitirá correlações entre as dimensões pesquisadas.

2.4 PARTICIPANTES

Esta investigação tomou em consideração uma amostra intencional não probabilística de n= 342 universitários, de ambos os sexos e com idades entre 18 e 60 anos. Sendo essa população dividida entre estudantes dos cursos: Psicologia, Fisioterapia e Fonoaudiologia da Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO e estudantes de: Agronomia, Ciências Biológicas, Química, Pedagogia, Engenharia ambiental e Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) do município de Humaitá /AM. Universitários que cursam desde o primeiro período até os finais, foram convidados a participar voluntariamente do estudo, onde assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**ANEXO B**) com a devida autorização das instituições de Ensino Superior identificadas acima (**ANEXO D**) (**ANEXO E**). O estudo foi iniciado após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM, sendo o número do parecer 325.873 (**ANEXO G**).

2.4.1 Critério de Inclusão

- a) Acadêmicos que estejam na faixa dos 18 aos 60 anos de idade;
- b) Acadêmicos regularmente matriculados nas instituições de ensino consideradas para esta pesquisa;
- c) Acadêmicos que assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

2.4.2 Critério de Exclusão

- a) Acadêmicos que desistiram do preenchimento do questionário e/ ou instrumentos;
- b) Acadêmicos que deixaram de responder um ou mais instrumentos psicológicos e que deixaram de preencher vários itens do questionário socioeconômico.

2.5 PROCEDIMENTOS

2.5.1 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu a partir da aplicação dos instrumentos, considerando as orientações para os estudantes. Após serem esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo 2), participaram de maneira voluntária e anônima da coleta de dados realizada no período de novembro de 2013 e dezembro de 2013. O tempo de resposta variou entre 15 e 30 minutos. Média 08 minutos. Ainda sobre a coleta é importante informar que o período de realização da mesma foi considerado como modo de avaliar o rendimento do semestre vigente do acadêmico dos sujeitos investigados, deste modo tanto os acadêmicos do primeiro período e os finalistas, puderam informar seu rendimento acadêmico, aqui traduzido em média, com mais segurança.

Auxiliaram na coleta de dados, estagiárias do curso de Psicologia da FAMETRO, realizando atividades de observação e relato das sessões em livro ata, no período de março de 2010 a dezembro de 2011. Outra estagiária aluna do curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, auxiliou no período de agosto de 2010 a dezembro de 2010, em cumprimento de atividades do estágio curricular; realizando relato discursivo com registro em livro Ata. As respectivas acadêmicas, auxiliaram na aplicação das escalas e tabulação inicial do material coletado.

2.5.2 Análise de dados

Para análise dos dados quantitativas foram respeitadas as propriedades psicométricas dos instrumentos, onde foram efetivadas considerando análise descritiva das características da amostra; correlação entre variáveis e ANOVA, considerando a literatura da área e os objetivos da investigação. Nas conclusões dos testes estatísticos utilizamos o nível de significância de 5%, ou seja, sempre que $p \leq 0,05$ há evidência de significância estatística. As análises foram realizadas com o apoio do programa SPSS, versão 17.0 para *Windows*.

Para a análise dos dados qualitativos foi empregada a análise de conteúdo de Bardin (2004). Esta forma de análise dos dados qualitativos foi considerada para este estudo, uma vez que para Bardin (2004), qualquer mensagem escrita ou dita pode ser submetida a uma análise de conteúdo. Ainda Bardin (2009), os primórdios da análise de conteúdo remetem a métodos de interpretação, tais como a hermenêutica, a retórica e a lógica.

2.6 CAMPO EMPÍRICO: ESPECIFICIDADES DO LOCAL

A presente pesquisa foi realizada em duas distintas Instituições de Ensino Superior (IES). A faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO e o Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, Campus Vale do Rio Madeira, Humaitá – UFAM-IEAA. A primeira particular e localizada na cidade de Manaus e a segunda uma instituição pública situada no município de Humaitá, interior do Amazonas. Sobre o universo das duas instituições, em uma das referidas, não foram compartilhadas informações quanto ao número total de alunos, deste modo, surgiu a necessidade de se utilizar a amostra intencional não probabilística. E ainda sobre as referidas IES, na sequência dessa dissertação se discorrerá mais sobre.

2.6.1 FAMETRO

A Faculdade Metropolitana de Manaus - FAMETRO, com sede na cidade de Manaus, Estado do Amazonas, é uma Instituição de Ensino Superior, mantida pelo Instituto Metropolitano de Ensino Ltda – IME. Sociedade civil de direito privado, de fins educacionais e com fins lucrativos, com sede e foro em Manaus e com Estatuto próprio, inscrita no Registro de Pessoas Jurídicas do Cartório de Registros da cidade de Manaus - AM, sob o nº. 03.817.341/0001-42 em 19 de maio de 2000, foi credenciada pela Portaria do Ministério da Educação nº. 1.337, publicada no Diário Oficial da União em 02 de maio de 2002.

Suas atividades acadêmicas iniciaram em 13 de setembro de 2002, com os seguintes cursos: Administração em Cidades, Administração em Gestão de Negócios e Turismo.

Em março de 2003, passou a funcionar o curso de Normal Superior, com as habilitações em Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Magistério em Educação Infantil.

No âmbito do ensino de Pós-Graduação a FAMETRO implementou no mês de agosto de 2004, os cursos de especialização em Metodologia do Ensino à Docência Superior e Especialização em Psicologia e Direito.

No início de 2005, foram autorizados a funcionar mais cinco cursos: Administração Hospitalar, Administração em Marketing, Administração Imobiliária, Ciências Contábeis e Serviço Social. Já em 2006 foram autorizados a funcionar mais seis cursos: Sistemas de Informação, Fisioterapia, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia e Pedagogia. Ainda no primeiro

semestre de 2007, reafirmando a credibilidade da Instituição, o MEC autorizou o funcionamento de mais três cursos: Direito, Nutrição e Enfermagem.

2.6.2 UFAM- IEAA

A Universidade do Amazonas consolidou-se e ampliou sua estrutura por meio da criação de novos cursos e absorção de outros já existentes. A partir de 1968, a estrutura da instituição passa a ser a seguinte: Faculdade de Direito do Amazonas, Faculdade de Estudos Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Embora tenha sido criada pela Lei Federal 4.069-A, de 12 de junho de 1962, a Universidade Federal do Amazonas se instalou três anos depois, em 17 de janeiro de 1965, 39 anos após a desativação da Universidade de Manaus. Criada como fundação de direito público e mantida pela União Federal, a Universidade recebeu a denominação de Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por disposição da Lei nº. 10.468, de 20 de junho de 2002. O objetivo da instituição é ministrar o ensino superior, desenvolver o estudo e a pesquisa em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural.

Constituída atualmente por 18 unidades de ensino, entre institutos e faculdades, sua estrutura incorporou de início a Faculdade de Direito, remanescente da Universidade de Manaus, e as faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, Ciências e Letras, unidades isoladas de ensino superior, criadas e mantidas pelo Estado. A essa estrutura juntou-se também, por doação do desembargador André Vidal de Araújo, o patrimônio da Escola de Serviço Social de Manaus. Já no final dos anos 90 outra unidade de ensino superior incorporou-se à estrutura da UFAM, a Escola de Enfermagem de Manaus, anteriormente mantida pela Fundação Sesp, do Ministério da Saúde.

Com a maioria de suas unidades administrativas e de ensino instaladas no Campus Universitário, a Universidade oferece atualmente 96 cursos de graduação e 39 de pós-graduação stricto sensu credenciados pela Capes. São ao todo 31 cursos de mestrado e 8 de Doutorado. Em nível de Pós-Graduação Lato sensu, são mais de 30 os cursos oferecidos anualmente. No que se refere à Extensão, são mais de 600 projetos que beneficiam diretamente a população e 17 grandes programas extensionistas.

O Instituto de Agricultura e Meio Ambiente (IAA) Campus *Vale do Rio Madeira* –

Humaitá implantado no interior do Amazonas, por orientação do MEC e força do Plano Nacional de Educação (2001-2010), foi criado em 04/10/2006, pela Portaria do CONSUNI 028/2005, no município de Humaitá. Em 03/8/2009, a Portaria de N^o 011/2009 do CONSAD alterou o nome para Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente (IEAA).

Possui cursos de graduação: Agronomia, Ciências: Biologia e Química, Ciências: Matemática e Física, Engenharia Ambiental, Letras: Literatura e Língua Portuguesa e Inglesa, Pedagogia. E pós-graduação (Lato Sensu) em Biologia da Conservação e Alfabetização.

É dotado de laboratórios de Agronomia (Solos e Nutrição de Plantas, Fitossanidade e Plantas Medicinais (3), Biologia (2), Ciclagem de Nutrientes e Fabrício (1), Engenharia Ambiental (Geoprocessamento, Hidrologia e Hidráulica) (2), Física (2), Pedagogia (1), Prática de Ensino (1), Química (2) e Multimeios (1).

No que tange projetos de Pesquisa é mister informar que possui PIBIC (46), Projetos de Pesquisa financiados pelo CNPq, FAPEAM e FINEP (12). Possui 74 Professores, 24 técnicos em educação, 1.094 alunos de graduação e 60 discentes de Pós-Graduação (Especialização - Lato Sensu), além de diversos grupos de pesquisas.

2.7 O CAMINHO DA PESQUISA

Inicialmente o projeto foi submetido à orientação e supervisão para definição do objeto e do campo de pesquisa. Em seguida foi submetido ao exame de qualificação pela banca examinadora em março de 2013. Posteriormente, de acordo com as normas vigentes do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição para aprovação. Aprovado, foi realizado o convite formal encaminhado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE aos participantes da pesquisa.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÃO DO ESTUDO

3.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esse capítulo propõe apresentar os resultados obtidos com a análise estatística dos dados. Em um primeiro momento, discutiremos sobre a consistência interna das escalas aplicadas, objetivando aferir quais as qualidades psicométricas na investigação. Ainda nesta oportunidade, explicitar-se-á sobre o teste de normalidade referente às escalas aplicadas.

Em um segundo momento propomo-nos a realizar uma análise descritiva, onde se poderá evidenciar sobre aspectos relacionados aos participantes da pesquisa. Em seguida, apresentar-se-á os resultados referentes às análises estatísticas efetuadas na amostra relativamente às variáveis em estudo (rendimento acadêmico, resiliência e bem-estar subjetivo). Por fim, dar-se-á continuidade com a análise dos dados obtidos com a análise das variáveis e os dados relativos à amostra.

Ao cabo desse processo, discutir-se-á sobre os dados, onde buscou-se relacionar os mesmos com princípios teóricos, que sustentam esta investigação, os que compreendem deste o fenômeno resiliência até o rendimento acadêmico.

3.1.1 Consistência Interna

A consistência interna, de modo geral, indica-nos o grau de validade e fiabilidade de uma escala. Foi realizada a análise de Alpha de Cronbach, respeitando os procedimentos estatísticos de forma adequada. Listamos abaixo, os resultados estatísticos. A partir da análise estatística realizada, obteve-se um valor relativamente ao *Alpha de Cronbach* na Escala Breve de *Coping* Resiliente, o que pode ser vista na tabela abaixo.

Tabela 1 - Consistência Interna da Escala Breve do *Coping* Resiliente

Escala	<i>Alpha de Cronbach</i>
Escala Breve do Comportamento Resiliente	0,576

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

O questionário não revela uma boa consistência interna, uma vez que o parâmetro aceito como satisfatório é aquele que superior a 0.60. De certo modo, tal valor pode ser explicado pelo número de itens da escala (apenas quatro) e pelo tamanho da amostra.

Tabela 2 - Consistência Interna da Escala *Satisfaction With Life*

Escala	<i>Alpha de Cronbach</i>
<i>Satisfaction With Life Scale</i>	0,735

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

No que importa destacar os valores de consistência interna, referentes a escala *satisfaction with life* apresenta *Alpha de Cronbach* de 0,735. O valor obtido é superior a 0,60, o que representa uma boa consistência interna, revelando uma boa validade e fiabilidade. O valor revelado nesta pesquisa é próximo do valor obtido na pesquisa de Imaginário e Vieira (2011), onde os mesmos encontram um *Alpha de Cronbach* de 0,77.

Tabela 3 - Consistência Interna da Escala PANAS– Aspecto positivo e negativo

Escala	<i>Alpha de Cronbach</i>
PANAS - Aspectos positivos	0,819
PANAS - Aspectos negativos	0,821

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

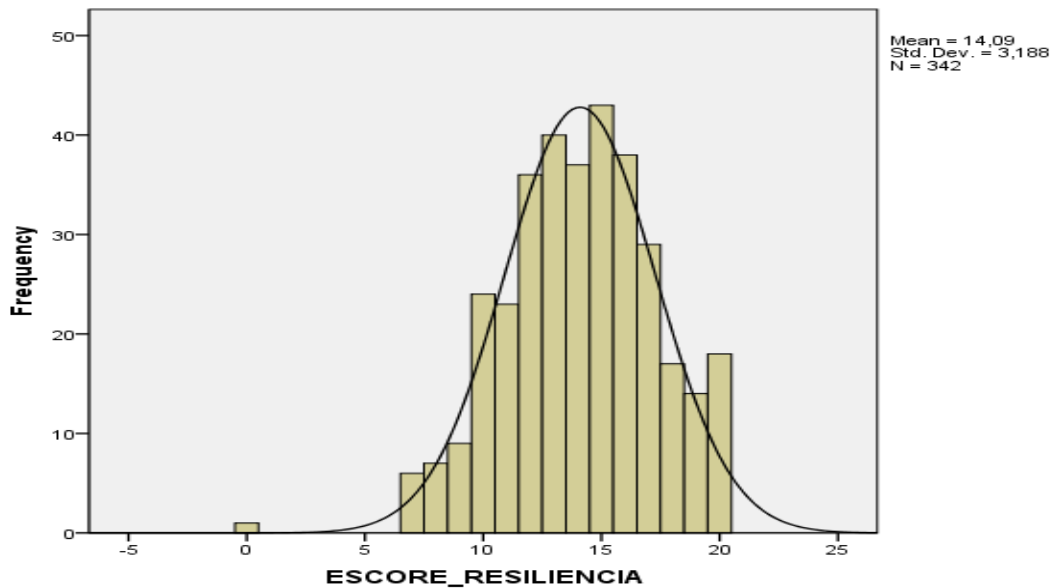
Através da análise estatística relativa à Escala *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) – Aspecto positivo, obteve-se um valor de 0,819, que representa, quando comparado com o valor obtido com a análise de *Alpha de Cronbach* das escalas, este ser um dos valores mais altos. Na análise estatística relativa à confiança da Escala *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) – Aspecto negativo, obteve-se um valor de 0,821.

Os valores obtidos demonstram que a escala possui uma boa consistência interna, revelando uma boa fiabilidade e validade. Esse valor se aproxima do obtido por Imaginário e Vieira (2011), onde se pode observar um *Alpha de Cronbah* de 0,86

3.1.2 Teste de Normalidade

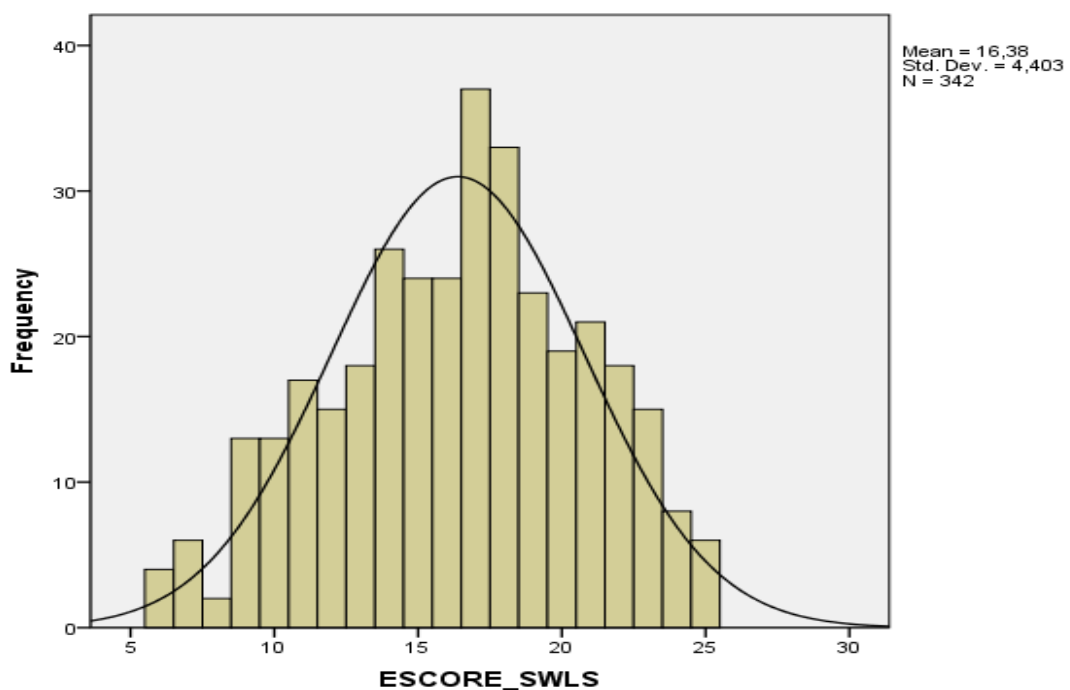
O teste de normalidade busca demonstrar que os instrumentos apresentam uma boa dispersão, bem como modelagem, do seu conjunto de dados constituintes. As respostas dos indivíduos em seus itens demonstram boa dispersão, como pode ser observado a partir do gráfico 1 até o gráfico 5.

Gráfico 1 - Teste de Normalidade Escala Breve de *Coping Resiliente*



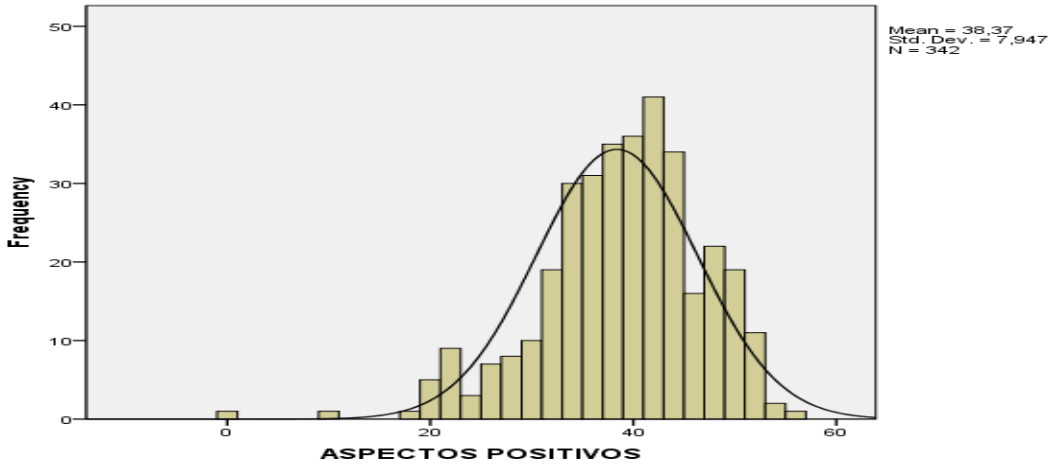
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 2 - Teste de Normalidade *Satisfaction With Life Scale*



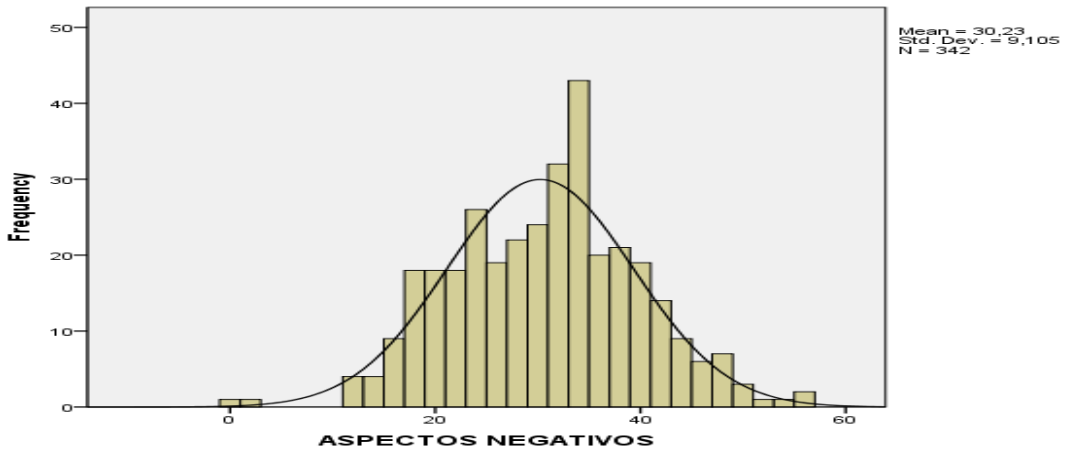
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 3 - Teste de Normalidade PANAS - Aspectos positivos



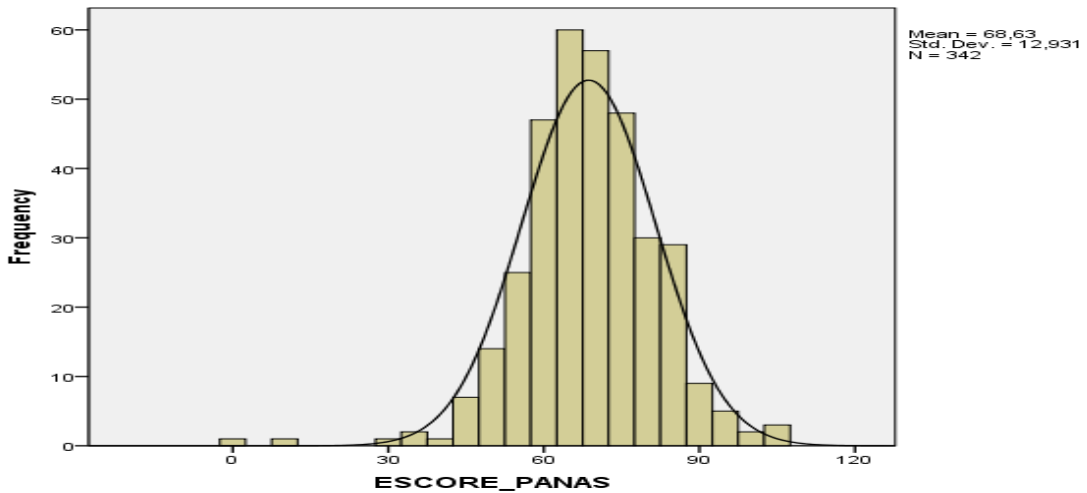
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 4 - Teste de Normalidade PANAS - Aspectos negativos



Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 5 - Teste de Normalidade PANAS – Aspectos positivos e negativos

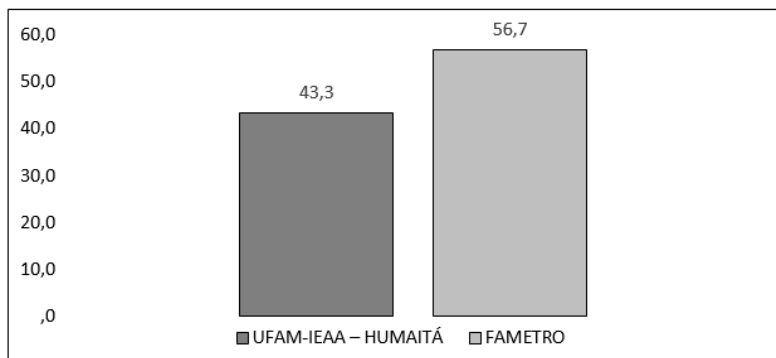


Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

3.1.3 Análise Descritiva dos Dados

A análise descritiva dos dados é a fase inicial do estudo dos dados, onde busca resumir e organizar as variáveis envolvidas na pesquisa. Nesta pesquisa as variáveis buscam dimensionar vários aspectos dos universitários estudados, a fim de se obter uma melhor compreensão dos fenômenos considerados nesta pesquisa

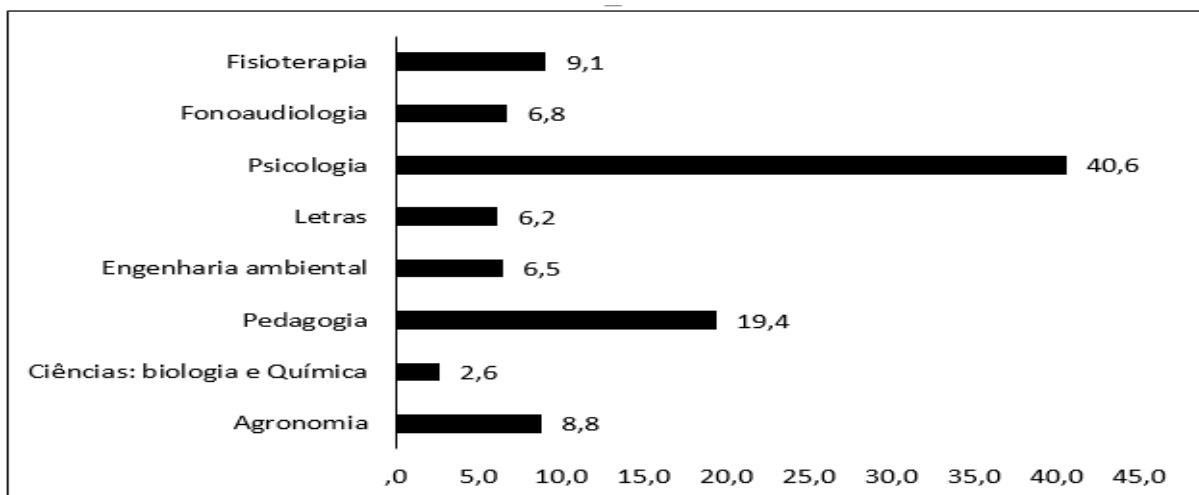
Gráfico 6 - Estabelecimentos de ensino superior onde os dados foram coletados



Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

A população investigada foi composta por 148 universitários de Humaitá (43,27%) e 194 estudantes da cidade de Manaus (56,7%). Em Humaitá foram investigados acadêmicos da UFAM-IEAA e em Manaus, universitários da FAMETRO.

Gráfico 7 - Cursos investigados na FAMETRO e na UFAM - IEAA

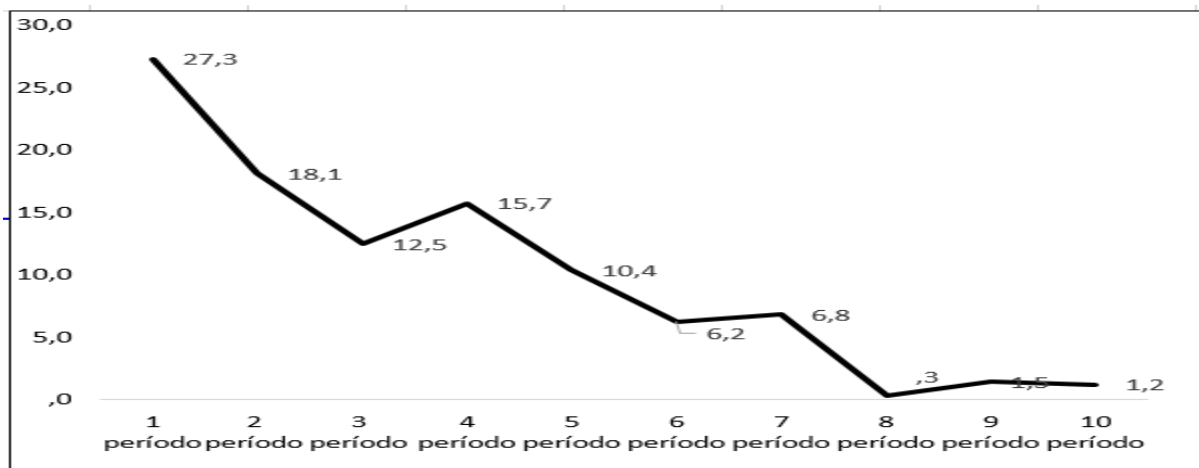


Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

No município de Humaitá, foram investigados universitários dos cursos de: agronomia (8,8% da amostra), ciências: biologia e química (2,6% da amostra), pedagogia (19,3% da amostra), engenharia ambiental (6,4% da amostra) e letras (6,1% da amostra). Na

cidade de Manaus, foram investigados os cursos de Psicologia (40,4% da amostra), de fonoaudiologia (6,7% da amostra) e fisioterapia (9,1% da amostra). A partir da análise descritiva podemos observar que os cursos de psicologia e pedagogia são os mais representativos, com 138 e 66 participantes.

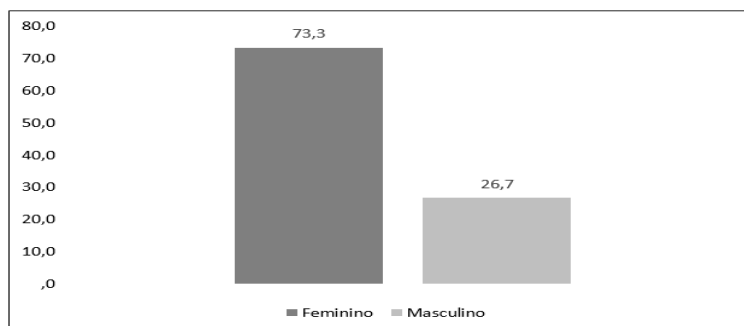
Gráfico 8 - Período dos universitários entrevistados



Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

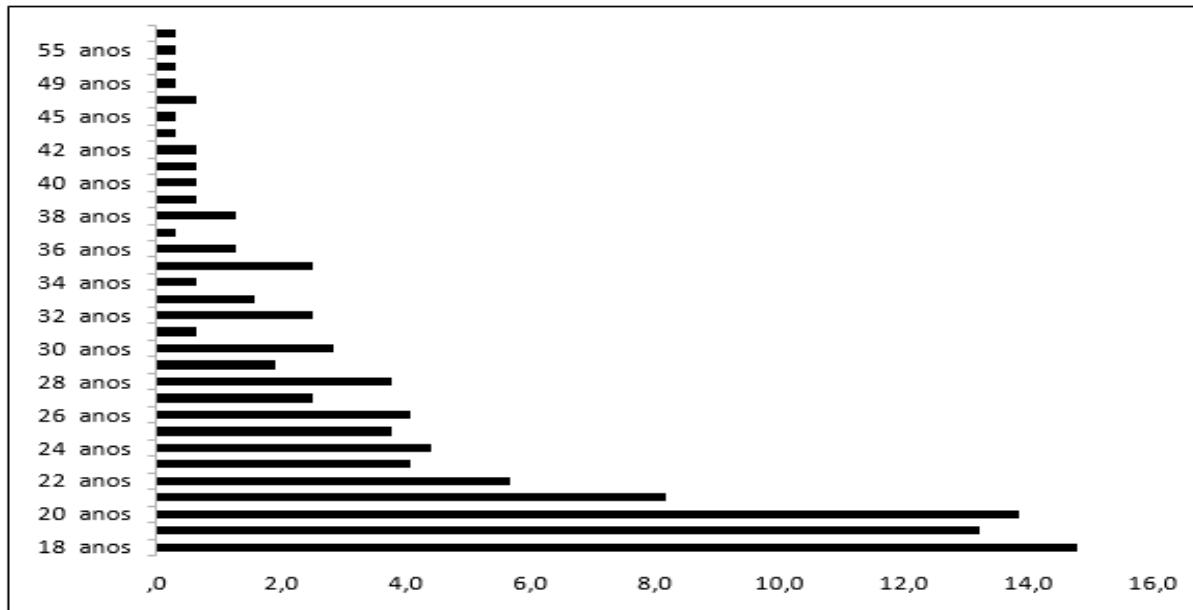
Foram investigados universitários do primeiro ao décimo período, o que ajuda a compreender os fenômenos da resiliência e bem-estar subjetivo ao longo da graduação. Entretanto é importante destacar os períodos mais prevalentes: primeiro período (26,9% da amostra), segundo período (17,8% da amostra), quarto período (15,5% da amostra) e o terceiro período (12,3% da amostra).

Gráfico 9 - Gênero dos universitários



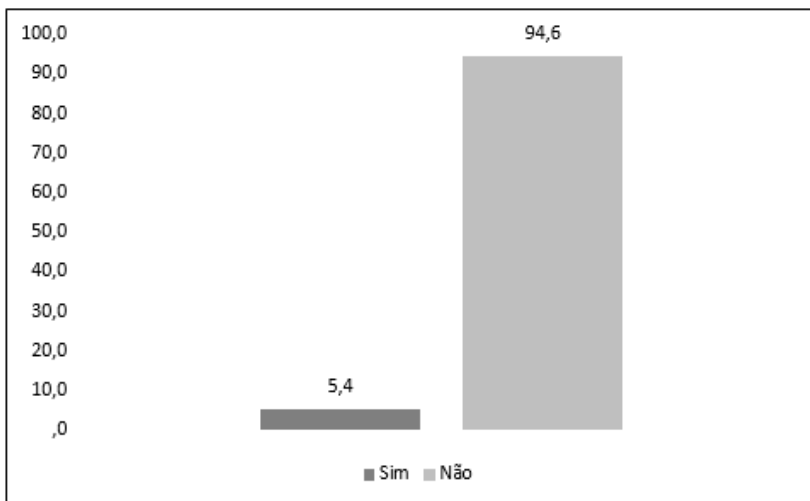
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

A grande maioria dos universitários é do sexo feminino, sendo 251 participantes (73,1%) da amostra e do sexo masculino, foram investigados 91 universitários, que representam (26,61%) da amostra.

Gráfico 10 - Idades dos universitários entrevistados

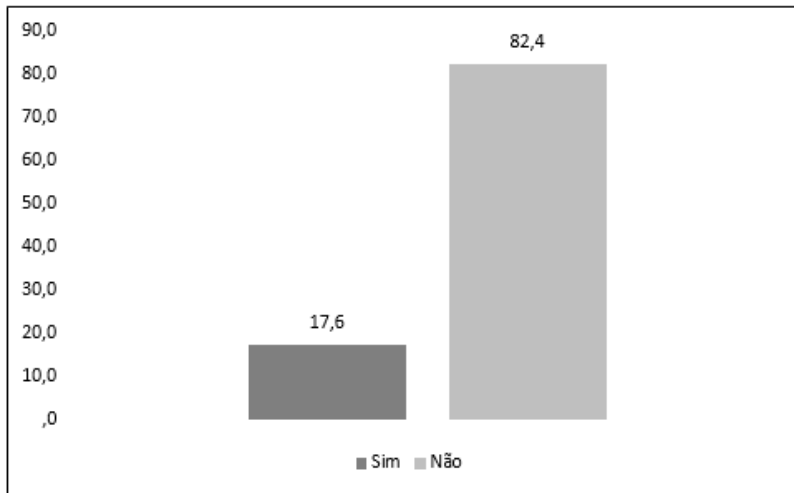
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

As idades 18, 19 e 20 foram mais significativas, a partir da análise dos dados, representando um percentil de 14,78%, 12,3% e 12,9% respectivamente da amostra investigada.

Gráfico 11 - Sobre possuir ou não outra graduação

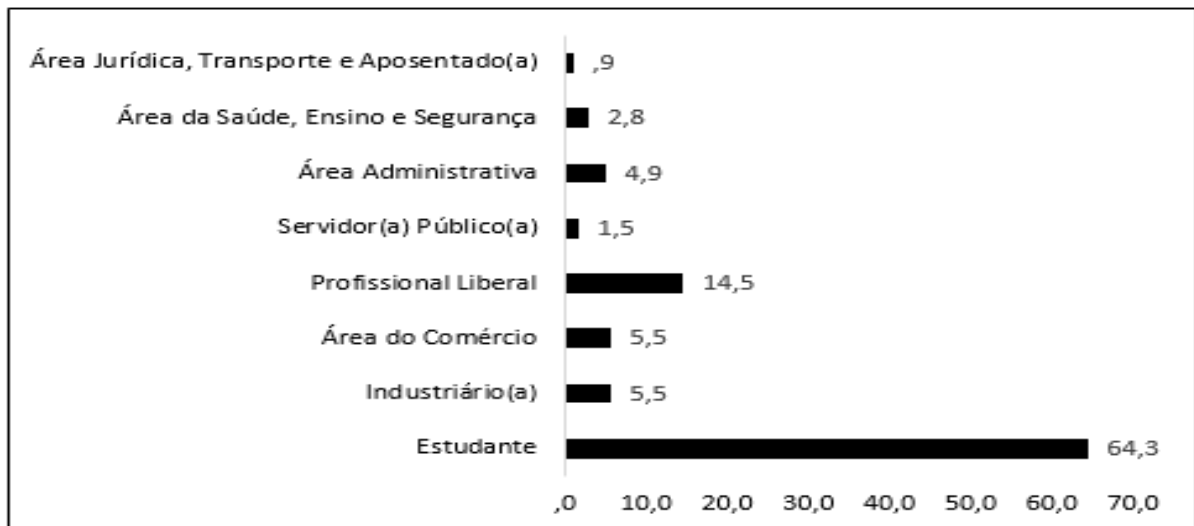
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quando questionado se teriam outra graduação, apenas 18 universitários (0,25% da amostra) informaram possuir, em detrimento de 315 acadêmicos (92,11% da amostra) que não possuem outra formação superior. Sobre esses dados é válido considerar que expressa bem o público da pesquisa, a saber, acadêmicos que em sua maioria apresentam as idades de 18, 19 e 20 e que estão iniciando uma formação superior.

Gráfico 12 - Sobre ter abandonado ou não outra graduação

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

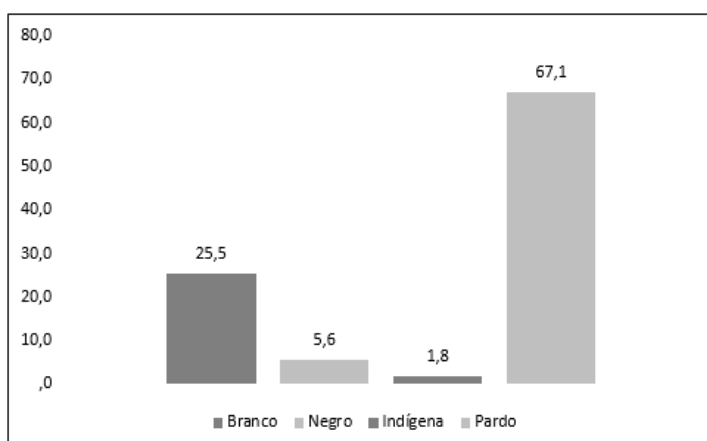
No que importa discutir sobre abandono de curso superior, 50 universitários (14,62% da amostra) informaram já ter abandonado outro curso superior, enquanto 234 discentes (68,42% da amostra) afirmaram jamais ter desistido de outra formação superior.

Gráfico 13 - Sobre a ocupação dos universitários investigados

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Sobre a ocupação dos universitários é importante destacar a grande maioria, 209 universitários (61,11% da amostra) informaram que apenas estudam, 47 universitários (13,74% da amostra), atuam como profissionais liberais enquanto 36 acadêmicos se dividem nos campos do comércio e distrito. A área administrativa também é representativa, e nela atuam 16 universitários (4,7% da amostra).

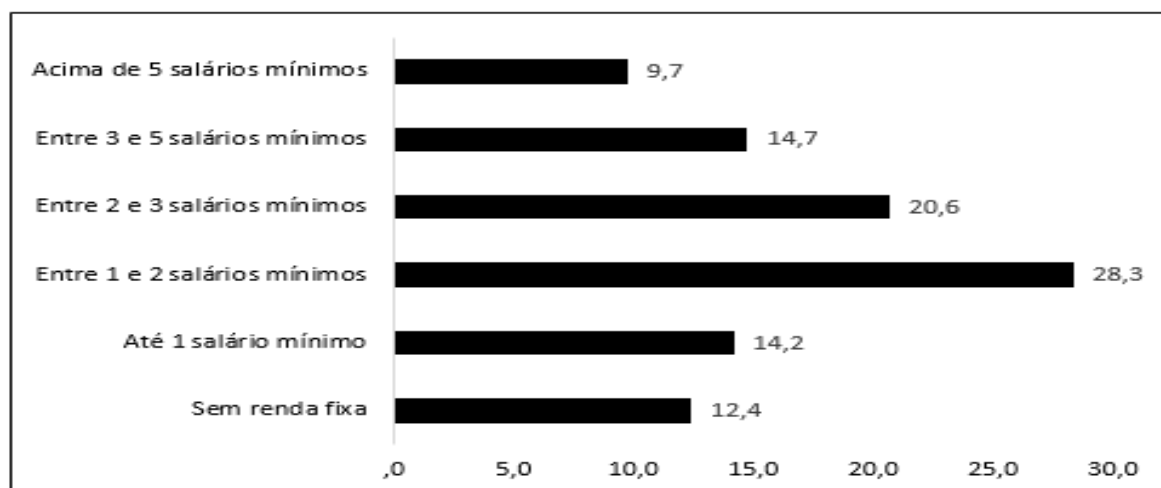
Gráfico 14 - Sobre as questões étnicas dos universitários



Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

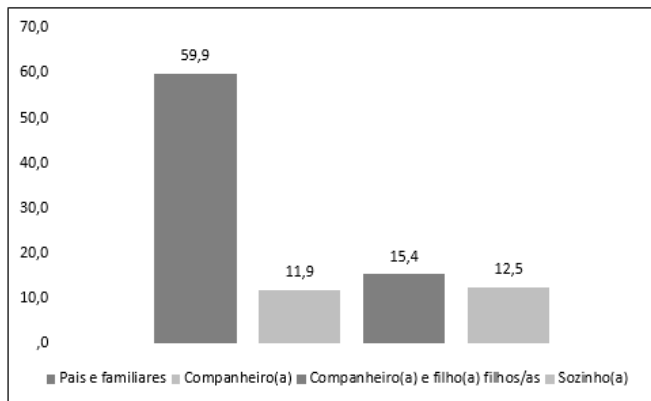
Sobre o aspecto étnico-racial, é importante destacar que a maioria dos universitários, 226 participantes se auto intitulam pardos (66,1% da amostra). Os demais universitários são brancos (25,15% da amostra), negros (5,56% da amostra) e indígenas (1,75%). Ao destacar sobre aspectos étnicos em uma região amazônica, essa baixa da população indígena no ensino superior carece de análise.

Gráfico 15 - A renda familiar informada pelos universitários



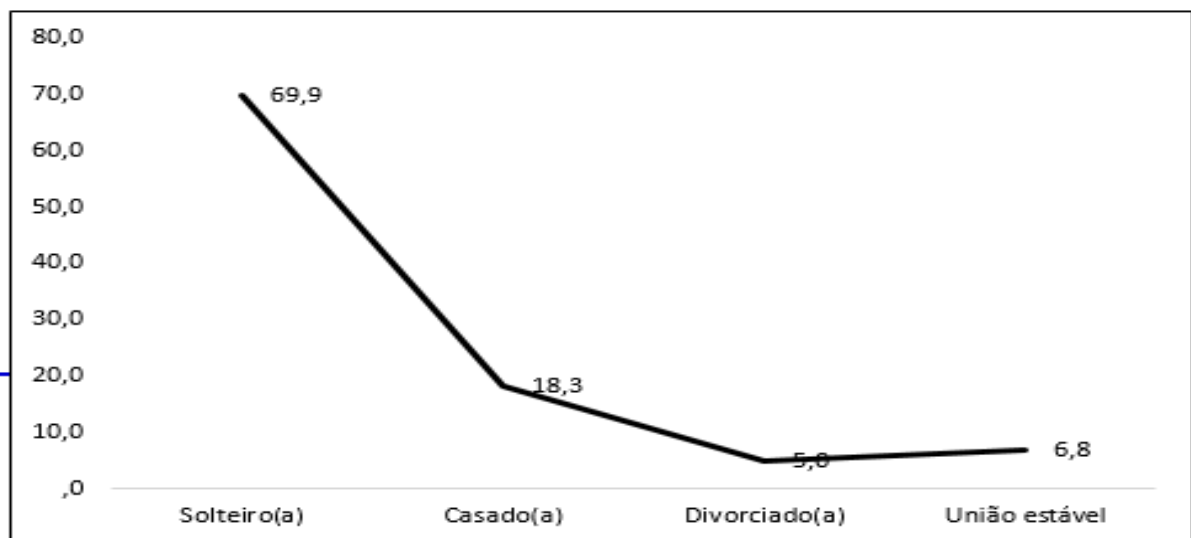
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

No que importa considerar a renda familiar 96 universitários (28,1% da amostram), informaram possuir sua renda familiar de 1 a 2 salários-mínimos, 70 acadêmicos (20,5% da amostra), revelaram possuir renda familiar de 2 a 3 salários-mínimos. Um total de 50 (14,6% da amostra) alunos, afirmaram ter renda familiar de 3 a 5 salários-mínimos, enquanto 48 (14,0% da amostra) acadêmicos, informaram possuir renda de até 1 salário-mínimo e outros 42 (12,3% da amostra) universitários, não têm renda fixa.

Gráfico 16 - Com quem reside o universitário

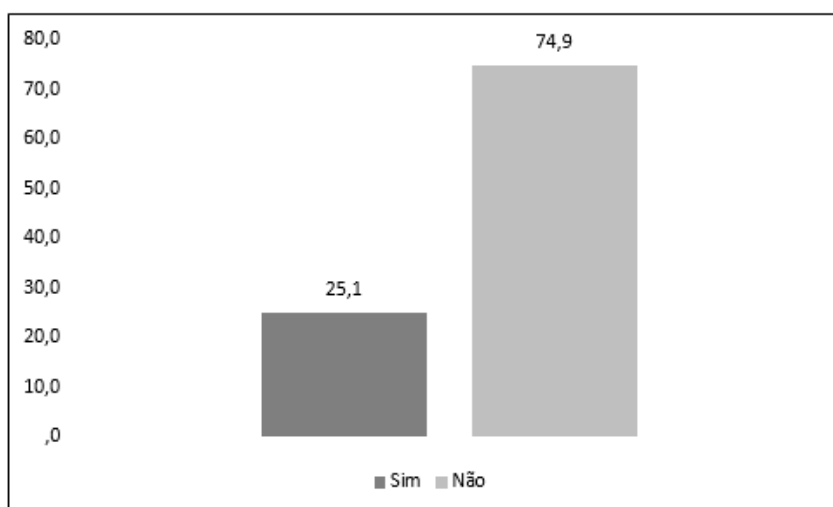
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quando questionados sobre com quem residiam, 202 universitários (59,1% da amostra) informaram morar com pais e familiares, 52 universitários (15,2% da amostra) residem com companheiro e filho (s), 42 acadêmicos (12,3% da amostra) informaram que moravam sozinho pertencer a esta categoria, enquanto 40 participantes (11,7% da amostra), vive apenas com companheiro (a).

Gráfico 17 - Estado civil do universitário

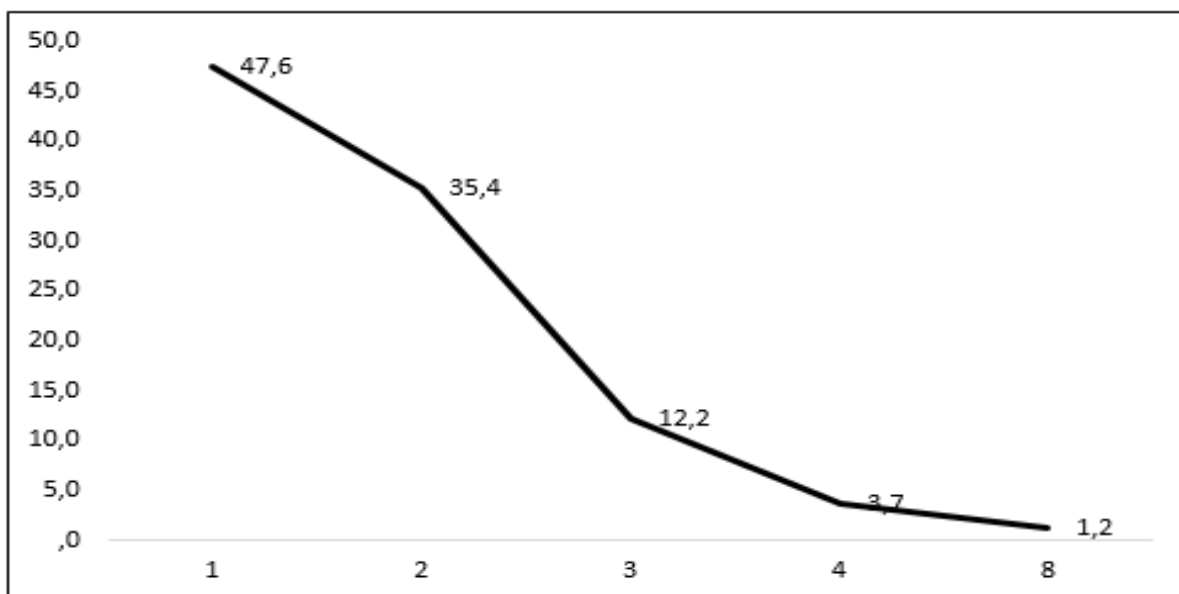
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Sobre o estado civil, a maioria dos universitários (69,3% da amostra), que corresponde a 237 participantes da população investigada, informou pertencer a categoria dos solteiros. A categoria casado (a), é composta por 62 universitários (18,1% da amostra). Vinte e três investigados (6,7% da amostra), informou viver em união estável, enquanto 17 universitários (5,0% da amostra) informaram ser divorciados.

Gráfico 18 - Sobre ter filhos ou não

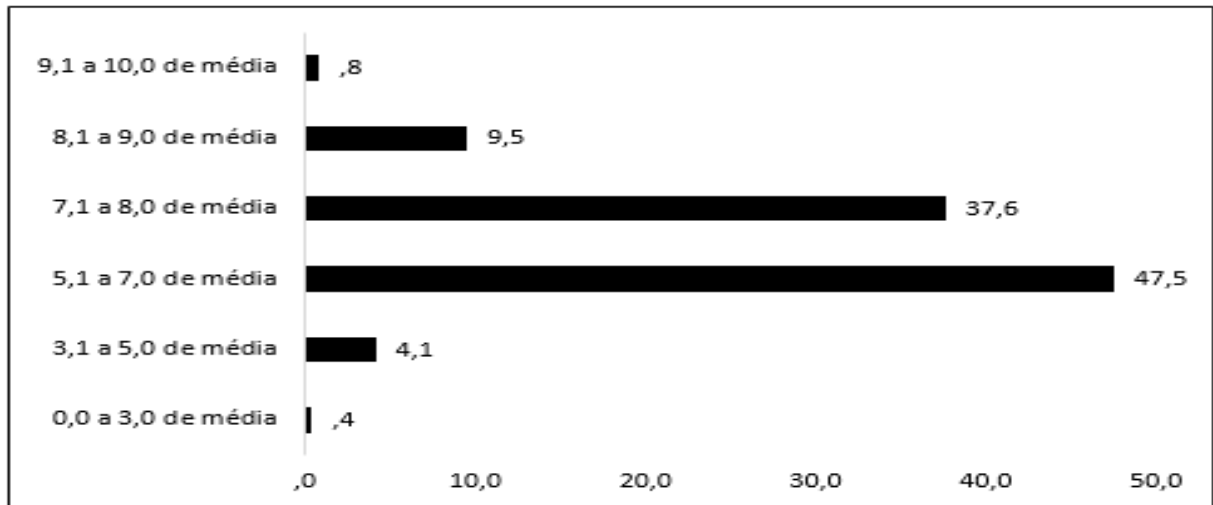
Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quando questionados sobre filhos, 256 universitários (74,85% da amostra), informaram não ter filhos, em detrimento a 86 participantes (25,15% da amostra) que informaram tê-los.

Gráfico 19 - Sobre a quantidade de filhos dos universitários

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Sobre o número de filhos, os universitários investigados informaram em sua maioria, 39 participantes (11,4% da amostra) ter apenas 1 filho. Vinte e nove acadêmicos (8,48% da amostra) informaram ter dois filhos, enquanto 10 acadêmicos (2,9% da amostra), revelam ter 3 filhos.

Gráfico 20 - Sobre o rendimento acadêmico dos universitários

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quanto ao rendimento acadêmico 115 universitários (33,6% da amostra), informaram possuir rendimento entre 5,1 a 7,0, 91 universitários (26,6% da amostra) admitiram ter o rendimento de 7,1 a 8,0, 23 acadêmicos (6,7% da amostra) informaram ter rendimento de 9,1 a 10,0 e 10 participantes (2,9% da amostra) afirmaram ter o rendimento de 3,1 a 5,0.

3.1.4 Correlações

Tabela 4 - Correlações entre as escalas aplicadas

Correlações		ESCORE RESILI- ENCIA	ESCORE SWLS	ESCORE PANAS	ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NE- GATIVOS
ESCORE Es- cala Breve de Coping Resili- ente	Correlação de- Pearson	1	,232**	,179**	,328**	-0,033
	Sig. (2-tailed)		0	0,001	0	0,545
	N	342	342	342	342	342
ESCORE Satis- faction With Life Scale	Correlação de- Pearson	,232**	1	0,023	,221**	-,165**
	Sig. (2-tailed)	0		0,677	0	0,002
	N	342	342	342	342	342
ESCORE PA- NAS	Correlação de- Pearson	,179**	0,023	1	,713**	,797**
	Sig. (2-tailed)	0,001	0,677		0	0
	N	342	342	342	342	342

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quando se observa a correlação entre as escalas aplicadas é prudente afirmar que indivíduos com estilos fortes de resiliência, possuem boa relação com aspectos positivos do PANAS e com o SWLS. Em linhas gerais, os fenômenos da resiliência e do bem-estar subjetivo demonstram uma interconectividade.

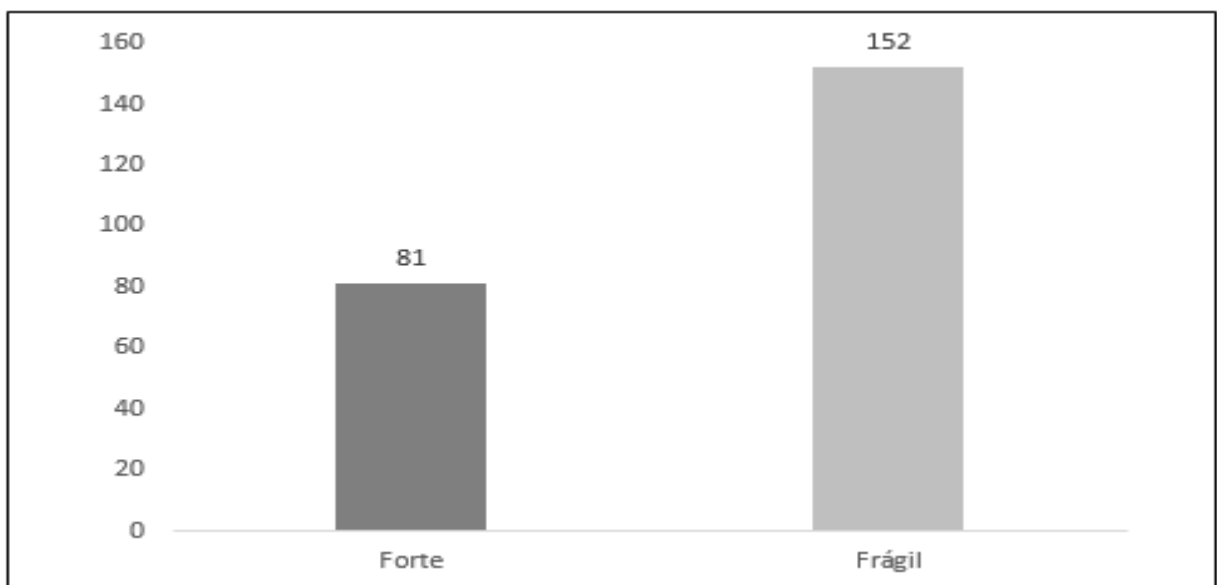
3.2 ESTILOS DE RESILIÊNCIA

A EBCR é composta por quatro itens que permitem identificar o fenômeno da resiliência nos indivíduos. Os valores de resposta, que expressam a capacidade do indivíduo para lidar com eventos impactantes, podendo variar de 4 a 20 pontos (AFONSO, 2011).

Os autores da escala original de resiliência, Sinclair e Wallston (*apud* PAIS RIBEIRO; MORAIS, 2010) afirmam que a escala identifica 02 estilos de resiliência. O primeiro, seria o de indivíduos com baixa capacidade de resiliência. São aqueles que obtêm um escore igual ou inferior a 13 pontos. O segundo grupo, seria os indivíduos com fortes traços de resiliência, uma vez que atingem a pontuação igual ou superior a 17 pontos.

Os universitários investigados foram divididos em dois grupos, a partir da análise do desempenho dos mesmos na EBCR. Destacar-se-á os dados obtidos na análise estatística dos 81 estudantes com estilo forte de resiliência e dos 152 universitários com estilo fraco de resiliência.

Gráfico 21 – Estilos fortes e frágeis de resiliência identificados nos universitários investigados.



Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

3.2.1 Estilo forte de resiliência

3.2.1.1 Dados quantitativos

Tabela 5 - Análise descritiva dos itens da EBCR

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
1. Procuo formas criativas de superar situações difíceis	77	1	5	3,32	1,14
2. Independentemente do que possa me acontecer, acredito que posso controlar minhas emoções	76	1	5	3,32	1,17
3. Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis	77	1	5	3,83	1,01
4. Procuo ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida	76	1	5	3,47	1,24
Valid N (listwise)	76				

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Na análise dos itens que compõe a EBCR, os itens 3 e 4 da escala, são os possuem a maior média de pontuação. É prudente considerar que o aspecto cognitivo e de crença pessoal é muito evidente no grupo estilos fortes de resiliência, bem como o aspecto atitudinal, onde os sujeitos afirmam procurar de modo ativo, formas de lidar com eventos impactantes.

Tabela 6 - Análise descritiva sobre as escalas aplicadas na pesquisa com universitários com estilos fortes de resiliência

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
ESCORE RESILIENCIA	79	17	20	18,26	1,18
ESCORE SWLS	79	7	25	17,72	4,23
ESCORE PANAS	79	0	102	70,35	15,33
PANAS POSITIVO	79	0	53	41,56	8,58
PANAS NEGATIVO	79	0	50	28,78	9,71
Valid N (listwise)	3				

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Na análise dos escores obtidos nas escalas aplicadas, é observável uma alta pontuação nas escalas SWLS, PANAS e PANAS – aspectos positivos. Valendo destacar que o PANAS - aspectos negativos apresenta, quando comparado com os demais resultados, o menor escore de pontuação.

Tabela 7 - Se universitários com estilo forte de resiliência possuem ou não outra graduação

	Frequência	Percentual válido
Sim	7	9,30%
Não	68	90,70%
TOTAL	75	100%

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

A maioria dos universitários, 68 indivíduos (90,7% da amostra), que possuem traços fortes de resiliência não possuem outra graduação.

Tabela 8 - Se universitários com estilo forte de resiliência já desistiram de outro curso superior

	Frequência	Percentual válido
Sim	9	9,30%
Não	49	90,70%
TOTAL	58	100%

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

No que importa avaliar a desistência de curso superior, 49 acadêmicos (84,5% da amostra) informou nunca ter abandonado, enquanto 9 estudantes (15,5% da amostra), informam já ter desistido de outro curso superior.

Tabela 9 - Rendimento acadêmico dos universitários com estilo forte de resiliência

	Frequência	Percentual válido
0,0 a 3,0 de média	1	1,5
5,1 a 7,0 de média	35	53,8
7,1 a 8,0 de média	21	32,3
8,1 a 9,0 de média	7	10,8
9,1 a 10,0 de média	1	1,5
TOTAL	65	100

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

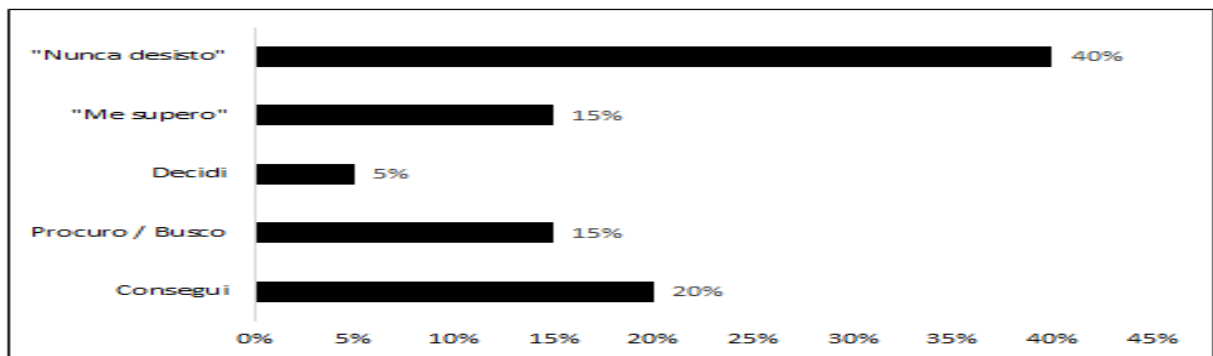
Quando analisado o rendimento acadêmico dos universitários com fortes traços de resiliência, observa-se que 35 estudantes (53,8% da amostra) informam ter rendimento entre 5,1 a 7,0 e que 21 universitários (32,3% da amostra) informam ter rendimento entre 7,1 e 8,0 pontos.

3.2.1.2 Dado qualitativo

Quadro 1 – Distribuição da classe temática, categorias temática, subcategorias e respectivas frequências dos comentários dos universitários com estilo forte de resiliência.

CLASSES TEMÁTICA	CATEGORIA	f	SUBCATEGORIAS	%
Estratégias <i>coping</i> – Estilos fortes de resiliência	Focada no problema	4	• Consegui	20%
		3	• Procuo / Busco	15%
		1	• Decidi	5%
		3	• "Me supero"	15%
		8	• "Nunca desisto"	40%

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 22 - Subcategorias que emergiram a partir da escrita dos acadêmicos com estilo forte de resiliência investigados.

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Na análise do conteúdo dos acadêmicos 40% () informaram nunca desistir de objetivos diversos em sua vida. Esse conteúdo foi o mais expressivo quando na análise dos demais conteúdos considerados nesta análise. Essa categoria denuncia que os conteúdos dos universitários com estilo forte de resiliência demonstra ter afinidade com a estratégia *coping* focada no problema, conforme ratifica o quadro composto pelas falas abaixo:

Quadro 2 - Subcategoria “Nunca desisto” expressa nos conteúdos dos universitários pesquisados.

[...]Frequentemente estou em busca dos meus objetivos e um deles é ser um engenheiro ambiental. Sempre busco não desistir do que eu quero. Sei que é difícil mas vou conseguir se Deus quiser.

[...] Quando criança meus pais me ensinaram a não desistir, me ensinaram a andar, quando comecei andava um passo e caía, mas não desisti e aprendi. Assim, acredito que o mundo nos traz vários obstáculos e temos que superá-los a cada dia. Nunca desisto de um sonho. Um dia você consegue. Sou persistente no que quero da vida.

[...]Uma das coisas que me fizeram não desistir foram as perdas das pessoas amadas na minha vida.

[...] Minha força de vontade, esperança, busco o que quero, consegui entrar e estudar na UFAM. E vou continuar cada dia buscando meus interesses sendo determinada.

[...] Procurei minha independência desde nova, então aprendi a persistir nos meus objetivos.

[...] Já passei por muitas dificuldades financeiras e familiares. Tenho uma família totalmente desestruturada, nunca vou desistir do que quero.

[...] Eu sou persistente na medida em que eu vejo que algo vale a pena e traga algum benefício para o bem - estar dos que me rodeiam. Quando quero algo, eu luto com todas as forças para chegar ao meu objetivo.

[...]Entrar na faculdade e ser uma outra cidade de família humilde, sem ter condições de me sustentar nos meus estudos, morar de aluguel e outras despesas. Mesmo enfrentei essas dificuldades. Agora melhorou um pouco, pois tenho como pagar aluguel devido a bolsa de estudos.

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

3.2.2 Estilos frágeis de resiliência

3.2.2.1 Dados quantitativos

Tabela10 - Análise descritiva dos itens da EBCR aplicada em universitários com estilo frágil de resiliência

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
1. Procuo formas criativas de superar situações difíceis	150	1	5	2,8133	1,09536
2. Independentemente do que possa me acontecer, acredito que posso controlar minhas emoções	148	1	5	2,6284	1,0516
3. Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis	150	1	5	3,32	1,01875
4. Procuo ativamente formas de substituir as perdas que encontro na vida	148	1	5	2,8716	1,17965
Valid N (listwise)	148				

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Quando na análise dos itens que compõe a EBCR, se observa que o item 3 possui maior pontuação no grupo dos universitários com estilo frágil de resiliência, sendo o fenômeno muito parecido com o observado no grupo dos universitários de estilo forte de resiliência.

Tabela 11 - Análise descritiva sobre as escalas aplicadas na pesquisa com universitários com estilo frágil de resiliência

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Escore RESILIENCIA	151	6	13	11,19	1,73
Escore SWLS	151	6	24	15,23	4,42
Escore PANAS	151	0	105	63,11	19,3
PANAS positivo	151	0	55	33,74	11,73
PANAS negativo	151	0	55	28,58	11,54
Valid N (listwise)	7				

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Na análise dos escores obtidos nas escalas aplicadas, é observável uma pontuação inferior nas escalas SWLS, PANAS e PANAS – aspectos positivos, quando comparado com os resultados obtidos pelo grupo de estudantes com traço forte de resiliência. É importante destacar que o PANAS – aspectos negativos apresenta, quando comparado com os demais resultados, o menor escore de pontuação, assim como identificado nos universitários com traços fortes de resiliência.

Tabela 12 - Se universitários com estilo frágil de resiliência tem ou não outra graduação

	Frequência	Percentual válido
Sim	6	4,1%
Não	140	95,9%
TOTAL	146	100%

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Do mesmo que o grupo de traço forte resiliente, os universitários com estilos frágeis de resiliência, em sua grande maioria, não possuem outra graduação. Valendo informar então que 140 indivíduos (95,9% da amostra) não possuem outra graduação e que apenas 6 (4,1% da amostra) estudantes afirmaram possuir outra graduação.

Tabela 13 - Se universitários com estilo frágil de resiliência já desistiram de outro curso superior

	Frequência	Percentual válido
Sim	18	14,1
Não	110	85,9
TOTAL	128	100

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

No que importa avaliar a desistência de curso superior, 110 acadêmicos (85,9% da amostra) informaram nunca ter abandonado outra graduação, enquanto 18 estudantes (14,1% da amostra), informam já ter desistido de outro curso superior.

Tabela 14 - Rendimento acadêmico dos universitários com estilo frágil de resiliência

	Frequência	Percentual válido
0,0 a 3,0 de média	6	6,0
5,1 a 7,0 de média	49	49,0
7,1 a 8,0 de média	37	37,0
8,1 a 9,0 de média	8	8,0
9,1 a 10,0 de média	-	-
TOTAL	100	100

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

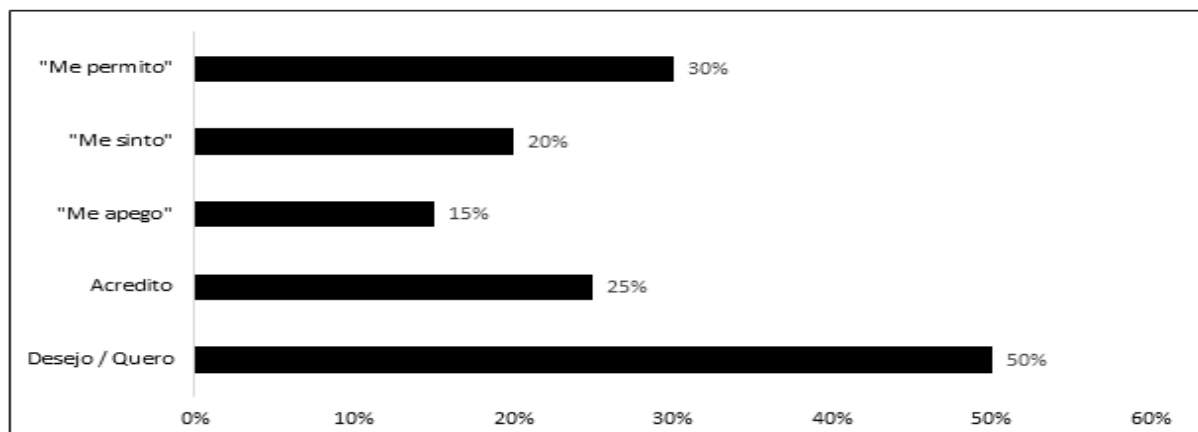
Quanto ao rendimento acadêmico dos universitários com frágeis traços de resiliência, 49 estudantes (49% da amostra) informam ter rendimento entre 5,1 a 7,0 e que 37 estudantes (37% da amostra) informam ter rendimento entre 7,1 e 8,0 pontos. Não há divergência quanto aos gráficos obtidos com o grupo de traços fortes de resiliência.

3.2.2.2 Dado qualitativo

Quadro 3 - Distribuição da classe temática, categorias temática, subcategorias e respectivas frequências dos universitários com traço frágil de resiliência.

CLASSES TEMÁTICA	CATEGORIA	f	SUBCATEGORIAS	%
Estratégias <i>coping</i> – <i>estilos frágeis de resiliência</i>	Focada na emoção	10	• Desejo / Quero	50%
		5	• Acredito	25%
		3	• "Me apego"	15%
		4	• "Me sinto"	20%
		6	• "Me permito"	30%

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Gráfico 23 - Subcategorias que emergiram a partir da escrita dos acadêmicos com estilos frágeis de resiliência investigados.

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

Na análise do conteúdo dos acadêmicos 50% informaram desejar ou querer, quando solicitados a tecer comentários sobre a resiliência. O conteúdo em questão foi o mais significativo e revela que os conteúdos dos universitários com estilo frágil de resiliência demonstram ter afinidade com a estratégia *coping* focada na emoção, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 4 - Subcategoria “Desejo / Quero” destacada nos conteúdos dos universitários investigados.

<p>[...] Meus pais são humildes, então eu luto para ter uma vida melhor e poder um dia recompensá-los por tudo. E também ser o melhor na minha área é o que eu busco.</p> <p>[...] Na vida já sofri vários acidentes de trânsito, graças a Deus sobrevivi. Isso me faz querer vencer na vida sempre.</p> <p>[...] Meus pais. Porque a história de vida deles me faz querer ser alguém no futuro. Me faz querer não passar por todas as dificuldades que passaram. Procuro mostrar pra eles que eu posso 1 me dar bem, crescer na vida e dar tudo de bom e do melhor a eles e aos filhos que pretendo ter futuramente.</p> <p>[...] Em primeiro lugar meu filho, eu mesma e posteriormente minha família pai, mãe, irmãos. Eu entendo que o meu sucesso reflete na vida das pessoas que estão ao meu redor, e eu quero ser referência positiva para eles. O outro aspecto é que quero crescer e melhorar como ser humano, ter uma estabilidade emocional e econômica.</p> <p>[...] Não é porque cometo falhas que vou desistir de minhas metas. Quero me tornar uma pessoa melhor, por mais que tenha fracassado, creio que é uma lição.</p> <p>[...] Sinceramente eu quero ter uma vida melhor que hoje. A sociedade pode muito. Quero ter qualidade de vida futuramente para meus filhos.</p> <p>[...] Na vida já sofri vários acidentes de trânsito, graças a Deus sobrevivi. Isso me faz querer vencer na vida sempre.</p> <p>[...] O fato de querer proporcionar uma melhoria de vida para meus pais, além de querer também ser alguém na vida, graduado, trabalhando, possuindo e construindo patrimônio.</p>
--

Fonte: Base de dados pesquisa autor, 2014

3.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão de dados é orientada em problematizar acerca dos objetivos delineados no presente estudo, do mesmo modo que busca relacionar os achados com o referencial teórico proposto até aqui, no primeiro capítulo da pesquisa. A partir disto, discutir-se-á sobre os dados obtidos, valendo destacar a variável sócio demográfica, escores obtidos nas escalas EBCR, SWLS e PANAS. A discussão dos referidos resultados será realizada considerando o objetivo central e específicos deste estudo.

Como já delineado na referida dissertação, o objetivo central deste estudo foi o de analisar os efeitos da resiliência sobre o bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de universitários. Os objetivos específicos buscam identificar os estilos de resiliência dos estudantes universitários; relacionar os estilos de resiliência às estratégias *coping* dos universitários; investigar as possíveis relações entre estilos de resiliências e rendimento

acadêmico e verificar possíveis relações entre estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos.

No que tange discutir sobre o primeiro objetivo específico desta pesquisa, a saber, identificar os estilos de resiliência nos universitários, é válido resgatar o que já foi problematizado no primeiro capítulo deste estudo, onde se discutiu acerca do conceito de resiliência que defende a perspectiva de que todos os indivíduos são resilientes. Uma vez que a resiliência é a expressão de um indivíduo que é constituído por demandas do ambiente e de sua resposta sobre cada uma destas (LARANJEIRA, 2007). Ao considerarmos a relação sujeito/ambiente, ressaltamos que apesar de todos os indivíduos apresentarem resiliência, é prudente considerar que alguns demonstram ser mais resilientes do que outros.

Ao elaborarem a *Brief-Resilient Coping Scale*, Sinclair e Wallston consideram dois estilos de resiliência. O primeiro seria os dos indivíduos que apresentam uma pontuação superior a 17 pontos na escala, ou seja, os indivíduos com traços fortes de resiliência. O segundo estilo é identificado quando o indivíduo obtém uma pontuação igual ou menor que 13 pontos. Na presente pesquisa identificamos universitários com os dois estilos de resiliência (RIBEIRO; MORAIS, 2010; AFONSO, 2011).

Conforme observado no Gráfico 21, de uma amostra de XX universitários se pode distinguir dois estilos de resiliência. Onde 81 (34,76 %) universitários apresentam estilo forte de resiliência e 152 (65,24%) demonstram possuir estilo frágil de resiliência. É pertinente destacar os estudos de Omar et al (2011) e Li (2008) que demonstram que os estilos de resiliência estão intimamente relacionados com as estratégias de *coping*.

No que compete discutir acerca das estratégias *coping*, a saber o segundo objetivo considerado neste estudo, que foi o de relacionar os estilos de resiliência as estratégias de *coping* dos universitários. A partir da Tabela 5 se observa a análise descritiva de universitários com traços fortes e frágeis de resiliência. Os dados não apresentam tantas divergências, mas alguns itens permitem uma análise cuidadosa sobre as “crenças” ou formas de *coping* demonstradas pelos universitários.

A grande maioria das informações registradas nas tabelas não permite apontar divergências entre os estilos de resiliência dos sujeitos investigados. Entretanto os Gráficos 21, 22 e os Quadros 2 e 4 demonstram que os estilos de resiliência se relacionam com as estratégias de *coping* distintas. Sinclair e Wallston (2004) apud Ribeiro e Moraes (2010), consideram o *coping* como o esforço cognitivo e comportamental empregado com o intuito de enfrentar

demandas internas e externas avaliadas como excessivas para os recursos pessoais. Para os referidos autores, existiriam estilos distintos de resiliência, uma vez que esse fenômeno é uma adaptação positiva perante a existência de estresse.

Segundo Busnello et al (2009), as estratégias de *coping*, podem ser entendidas como um processo situacional que compreende ações cognitivas direcionadas a determinado episódio de estresse específico e podem ser classificadas em dois tipos: focada na emoção e focada no problema. Para Gazzaniga e Heatherton (2005) as duas estratégias apresentam resposta, quando aplicadas com o intuito de resolver o estresse, no entanto, o *coping* focado na emoção se mostra muito inferior ao *coping* focado no problema.

O *coping* focado no problema considera o esforço que o sujeito esboçaria ou tomaria atitudes para mudar ou administrar alguns aspectos do ambiente (BUSNELLO et al, 2009). A estratégia *coping* centrada no problema, diametralmente ao que se observa no *coping* focado na emoção, compreende estratégias que estão voltadas para a realidade, sendo formas de enfrentamento mais adaptativas, uma vez que permitem modificar pressões ambientais e até eliminar estressores.

Na análise do Gráfico 21 e Quadro 2 se observa que os sujeitos com traços fortes de resiliência, apresentam em seus comentários um padrão de *coping* focado no problema. Quando observadas as subcategorias relacionadas a categoria focada no problema (Quadro 1), se percebe que o elemento atitudinal é consistente, valendo destacar a subcategoria “Nunca desisto” que foi expressiva neste grupo de universitários.

De acordo com Stumm et al. (2013) o *coping* focado no problema é classificado como um *coping* confrontativo e sustentativo, uma vez que as estratégias estão direcionadas para a realidade e empregam formas de enfrentamento mais adaptativas quando comparadas com as estratégias *coping* focado na emoção.

No que compete discutir sobre o *coping* focado na emoção, é notório que o mesmo se relaciona aos sujeitos com estilos frágeis de resiliência, conforme os dados expostos no Gráfico 22 e Quadro 4. Conforme análise do Quadro 3, se destaca a categoria focada na emoção onde se faz notar subcategorias pode notar que os universitários utilizam de estratégias defensivas que sinalizam manobras cognitivas de fuga. A subcategoria “ Desejo / Quero”, por exemplo, demonstra esse prodígio cognitivo que não denuncia o padrão atitudinal expresso nos

comentários dos universitários com traço.

Para Busnello et al (2009) a estratégia *coping* focado na emoção representa um esforço direcionado para regular emoções negativas relacionadas ao evento de estresse. Neste sentido, Stumm et al. (2013) afirma que o *coping* centrado na emoção deriva de processos defensivos, com o objetivo de alterar o real sentido de determinada situação. Tal estratégia faz com que os sujeitos evitem confronto com situações que gerem ameaça e passam a realizar, no campo cognitivo, fuga, distanciamento, aceitação e outras formas de amenizar os estressores.

No que importa analisar o terceiro objetivo específico, a saber, verificar as possíveis relações entre traços de resiliência e o rendimento acadêmico, os dados obtidos não puderam dimensionar a relação entre resiliência e rendimento acadêmico. Tal resultado se aproxima das problematizações feitas por Galdino (2013), quando afirma que a forma de avaliar rendimento acadêmico deve considerar não apenas elementos constitucionais do universitário mas também dimensões externas. Neste sentido, o presente estudo sinaliza a necessidade de novas formas de investigar rendimento acadêmico.

O último objetivo específico proposto neste estudo, foi o de verificar possíveis relações entre estilos de resiliência e o bem – estar subjetivo dos acadêmicos investigados. A Tabela 4 responde a questão. Quando analisados os escores obtidos é perceptível que a EBCR apresenta ótima correlação com SWLS e PANAS – aspecto positivo. Em linhas gerais, é crível afirmar que resiliência e bem-estar subjetivo são fenômenos interligados.

Quando consideramos os estilos de resiliência, temos outros dados que nos ajudam a melhor compreender essa relação. Nas Tabelas 6 e 12 é perceptível que os indivíduos considerados possuidores de traços fortes de resiliência apresentam maiores pontuações em SWLS e PANAS – aspecto positivo, quando comparados com os universitários considerados frágeis no que concerne o traço de resiliência. É importante destacar que em ambos os grupos, é perceptível que o PANAS – aspecto negativo não apresentou variação. Segundo Diener (1985) e Scorsolini-Comin (2012), os aspectos negativos e positivos são negativa e significativamente correlacionados, o que não significa que um anule a existência do outro, uma vez que nenhum indivíduo apresenta nulidade de afetos negativos ou positivos.

A relação entre aspecto negativo e aspecto positivo não é de total oposição, uma vez

que para uma pessoa ser feliz é fundamental que os aspectos positivos se sobreponham aos negativos, afinal todos nós enquanto indivíduos, experimentamos afetos positivos e negativos (SELIGMAN, 2004 apud SCORSOLINI-COMIN, 2012).

Desta feita se pode afirmar que o objetivo geral deste estudo foi alcançado, uma vez que permitiu a analisar a relação entre o fenômeno da resiliência, bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico. Válido destacar porém, que mais estudos devem ser considerados para a melhor compreensão do fenômeno resiliência no ensino superior, onde novas formas de investigar o real rendimento acadêmico de universitários seja empregado de modo eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu a compreensão sobre o universo acadêmico, e mais do que isso, preocupou-se em investigar os fenômenos da resiliência e bem-estar subjetivo e as possíveis relações destes com o rendimento acadêmico de universitários, surgiu pela inquietação de melhor compreender um pouco mais sobre os estudantes universitários, uma parcela da sociedade que ainda é negligenciada, no que compete considerar, pesquisas que busquem esclarecer sobre suas idiossincrasias. E da inquietação foi elaborado um árduo processo de pesquisa, de revisão de bibliografias e agora ao término dessa maratona científica, que é o resultado de meses de processo investigativo, estudo e construção. Ainda hoje, algumas dúvidas permanecem e continuarão como incógnitos, que revelam que é uma constante, o estudo e a pesquisa científica.

Através dessa pesquisa, pode inferir-se que existe relação entre os construtos resiliência e bem-estar subjetivo, mas diametralmente a isso, não foi possível dimensionar a relação entre fenômeno resiliência e rendimento acadêmico. A impossibilidade de compreender a existência ou não de uma influência relacionamento se dá pela de de Ao longo dessa investigação foi possível observar o quão importante é investigar sobre resiliência. O estudo foi realizado com uma amostra pequena comparativamente ao universo existente, mas surge como contribuição aos estudos já existentes e serve como indicador de que novas modalidades de pesquisa sobre resiliência e campo educacional devem ser discutidas.

Considera-se até aqui, algumas sugestões para futuras pesquisas sobre o fenômeno da resiliência, sendo a mais importante, o aprofundamento de estudos relacionados a resiliência e universo acadêmico. É necessário ainda, o emprego de mais instrumentos associados ao fenômeno, valendo destacar escalas que buscam avaliar o otimismo e humildade e demais instrumentos psicométricos. É importante destacar novas formas de análise, como a pesquisa a partir dos telômeros, proposta já bem aplicada pela psicobiooncologia.

Ao término dessa pesquisa, é perceptível que muito mais que encerrar tópicos em determinados campos, é papel da psicologia ventilar possibilidades de análise e compreensão. A resiliência já desponta como um dos temas mais emergentes no campo psicológico e ao se considerar a existência desse trabalho, é crível julgar que algo novo se fez, mas que distante está de ser o fim dessa investigação.

É necessário destacar que o presente estudo deve ser replicado em amostra mais extensa, com vistas a generalizar dados e recolher mais informações relacionadas aos fenômenos da resiliência, bem-estar subjetivo e outros. Ainda sobre o projeto, o mesmo ainda terá continuidade, sendo um dos objetivos próximos, relacionar escores de resiliência com funções executivas. Existem diversas possibilidades de análise e quiçá esse trabalho ajude a construir novas possibilidades de análise dos fenômenos já discutidos.

Os dados obtidos com a presente investigação são pertinentes, permitem discutir novas possibilidades de intervenção com o público pesquisado e acima de tudo, ajuda revelar um pouco do universo acadêmico. Ao analisar o papel da resiliência na atualidade, é indiscutível que inúmeras pesquisas têm considerado formas de proporcionar comportamento resiliente, e por mais que no momento não seja crível destacar relações entre resiliência e rendimento acadêmico, não se pode negligenciar formas de fortalecer os sujeitos e de instruir instituições, acerca dos perigos e dificuldades que estão presentes no campo do ensino.

Outra contribuição importante da pesquisa foi aportar ao campo da pesquisa em psicologia instrumentos de avaliação psicológica que revelam indicadores psicométricos com características estatísticas de validade e fiabilidade adequadas para avaliar os fenômenos psicológicos resiliência e bem-estar subjetivo. Tais resultados serão utilizados oportunamente para elaboração de artigos inéditos associados à avaliação psicológica no ensino superior. O que contribui com sua validação para utilização pelo sistema de ensino superior nos serviços de diagnóstico e orientação psicológica pertinente, junto à população de estudantes universitários do Amazonas (Brasil).

Finalmente, é possível concluir que os resultados e a análise dos mesmos, permitem reflexão, bem como revelam a necessidade de melhor investigar sobre resiliência e bem estar subjetivo, considerados fenômenos psicológicos intervenientes, nos mais variados campos de expressão e existência humana.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Joana Patrícia Lima. Avaliação das funções da conjugalidade no suporte ao doente oncológico de acordo com os fatores da vulnerabilidade ao stress, ajustamento mental à doença oncológica de um familiar e o *coping* resiliente. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8921>. Acesso em 12/03/2014.

ALBUQUERQUE, Isabel; LIMA, MP. (2007). Personalidade e Bem-Estar Subjectivo: Uma abordagem com os projetos pessoais. *Psicologia. com. pt. O Portal dos Psicólogos*. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0373.pdf>. Acesso em 12/03/2014.

ALLEN, J.; ROBBINS, S. B.; CASILLAS, A. & OH, I. Third-year College Retention and Transfer: Effects of Academic Performance, Motivation, and Social Connectedness. *Research on Higher Education*, 49: 647–64, 2008. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s11162-008-9098-3#page-1>. Acesso em 12/03/2014.

ALMEIDA, Leandro; FREIRE, Tereza. Metodologia da investigação em psicologia e educação (1ª ed.). Coimbra: APPORT, 1997

ALMEIDA, Leandro et al. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 17, n. 3, p. 899-920, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v17n3/a14v17n3.pdf>. Acesso em 12/03/2014

ANGST, R. (2009). *Psicologia e Resiliência: uma revisão de literatura*. *Psicol. Argum. Jul./set*, 27 (58), 253-260. Disponível em: <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04013.pdf> Acesso em 12/03/2014. Acesso em 12/03/2014

AZNAR-FARIAS; Maria; OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti. (2006). Reflexões sobre pró-socialidade, resiliência e psicologia positiva. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro v. 2, n. 2, dez. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872006000200004&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

ALMEIDA, Leandro S. et al. Expectativas de envolvimento académico à entrada na universidade: Estudo com alunos da Universidade do Minho. 2003. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12108>. Acesso em 12/03/2014

BARBOSA, G. Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série: Validação e aplicação do “questionário do índice de resiliência: adultos R-S /Barbosa”. Tese de doutorado – Núcleo de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co. Acesso em 12/03/2014

BARDAGI, Marucia; HUTZ, Claudio Simon. Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. *Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*. ISSN 1413-4063, v. 14, n. 2, p. 279-301, 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.revista/article/view/18107/13463>. Acesso em 12/03/2014

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Mercado de trabalho, desempenho acadêmico eo impacto sobre a satisfação universitária. *Revista de Ciências Humanas*, v. 46, n. 1, p. 183-198, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902003000100013&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos de metodologia científica*. 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BELLO, Luciane. VIRANDO A PÁGINA: O PROCESSO DE RESILIÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE COTISTAS NEGROS NA UFRGS. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/114801>. Acesso em 12/03/2014

BENAZET, Álvaro Bernalte et al. LAS DIFICULTADES EN EL PROCESO ACADÉMICO SUSCEPTIBLES DE PRODUCIR RESILIENCIA, SEGÚN ALUMNOS DE ENFERMERÍA ESPAÑOLES. *Cultura de los cuidados*, v. 13, n. 26, 2009. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/13515>. Acesso em 12/03/2014

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa Edições 70. Lisboa, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa Edições. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia maio-ago*, Vol. 21, No. 49, 263. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/14.pdf> Acesso em 12/03/2014

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. I levantamento Nacional sobre o Uso de álcool e tabaco e Outras Drogas em Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREA/IPQ-HCFMUSP. Brasília: SENAD; 2010.

BUSNELLO, Fernanda Bastani; SCHAEFER, Luiziana Souto; KRISTENSEN, Christian Haag. (2009). Eventos estressores e estratégias de coping em adolescentes: implicações na aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)* * Volume 13, Número 2, *Julho/Dezembro* 315-323. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a14.pdf>. Acesso em 12/03/2014

COLARES, Viviane; DA FRANCA, Carolina; GONZALEZ, Emília. Condutas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros Health-related behavior in a sample of Brazilian college students: gender differences. *Cad. Saúde Pública*, v. 25, n. 3, p. 521-528, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v25n3/07.pdf>. Acesso em 12/03/2014

DELA COLETA, Marília Ferreira; DELA COLETA, José Augusto.; DIENER, E. Estudo transcultural do sentimento de satisfação e de felicidade. *Reunião Anual de Psicologia*, 1996.

DELA COLETA, A. S. M; DELA COLETA, M. F; DELA COLETA, J. A. (2005). O que me falta para ser feliz? [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXXV Reunião Anual de Psicologia (CD-ROM)*. Ribeirão Preto: SBP.

DELA COLETA, José Augusto Dela; DELA COLETA, Marília Ferreira Dela. *Felicidade, bem-*

estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em estudo*, v. 11, n. 3, p. 533-539, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a08.pdf>

COLETA, José Augusto Dela; COLETA, Marília Ferreira Dela. (2006). Felicidade, Bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. *Psicologia em Estudo*, Maringá v. 11, n.3, p. 533-539, set / dez. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a08.pdf>. Acesso em 12/03/2014

CRISTIAN, Zanon; HUTZ, Claudio Simon. Estilos de pensamento, personalidade e bem-estar subjetivo: avanços e polêmicas. *Aletheia*, n. 32, p. 80-91, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942010000200007&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 12/03/2014

DA SILVA, Gilvanir Batista. A reforma do aparelho do Estado, o projeto neoliberal ea política de avaliação para o Ensino Superior no Brasil. *Educação & Linguagem*, v. 16, n. 2, p. 270-287, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3582/3831>. Acesso em 12/03/2014

DE MARTINO, Milva Maria Figueiredo; INABA, Andressa Shizue. Estudo do ciclo vigília sono em estudantes universitários. *Revista de Ciências Médicas*, v. 12, n. 3, 2012. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/viewFile/1258/1233>. Acesso em 12/03/2014

DE MARTINO, Milva Maria Figueiredo; LING, Su Yan. Características cronobiológicas de um grupo de alunos universitários de enfermagem. *Revista de Ciências Médicas*, v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/viewFile/1239/1214>. Acesso em 12/03/2014

DE JESUS LARANJEIRA, Carlos António Sampaio. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 327-332, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a12v23n3.pdf>. Acesso em 12/03/2014

DIENER, Ed; EMMONS, Robert A; LARSEN, Randy J; GRIFFIN, Sharon. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75. Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327752jpa4901_13. Acesso em 12/03/2014

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. Orientações para elaboração de projetos e monografias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DIXE, Maria dos Anjos et al. Competências pessoais e sociais dos estudantes do ensino superior. 2010. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/336>. Acesso em 12/03/2014

DOS SANTOS, Acácia Aparecida Angeli et al. A relação entre vida acadêmica ea motivação para aprender em universitários. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 15, n. 2, p. 283-290, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n2/v15n2a10.pdf>. Acesso em 12/03/2014

DUARTE, Joana; IMAGINÁRIO, Susana; DE JESUS, Saul Neves. Práticas docentes que favorecem a criatividade e suas implicações no bem-estar dos alunos. *Revista AMazónica*, v. 7,

n. 2, p. 19-39, 2011. Disponível em: <http://www.cw7.info/amazonica/doc/7.pdf#page=21>. Acesso em 12/03/2014

FLACH, F. *Resiliência: A arte de ser flexível*. São Paulo: Saraiva, 1991

FLICK, We. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2004.

GABRIEL, Carmen Teresa; MOEHLECKE, Sabrina. Conexões de Saberes: uma outra visão sobre o Ensino Superior. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/article/view/17>. Acesso em 12/03/2014

GALDINO, Zilmar da Cunha. *A orientação de estudantes na UFAM de Humaitá: desafios e perspectivas na educação superior no interior do Amazonas*, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Ciências Humanas (NCH), Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. Disponível em: <http://www.mestradoeducacao.unir.br/?pag=submenu&id=38&titulo=Turma%20201>. Acesso em 12/03/2014

GALINHA, Iolanda; PAIS RIBEIRO, José Luis. História e evolução do conceito de Bem-estar subjetivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214, 2005. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v6n2/v6n2a08.pdf>. Acesso em 12/03/2014

GAZZANIGA, Michael. S., & HEATHERTON, Todd. F. *Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005

GIACOMONI, Claudia Hofheinz. (2004). Bem – estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, Vol.12, no 1, 43 – 50. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a05.pdf>. Acesso em 12/03/2014

GOUVEIA, Valdiney V. et al. Subjective Vitality Scale-SVS: evidences of its psychometric adequacy. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 5-13, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722012000100002&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

GUNTHER, H. (2006) *Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?* *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Mai-Ago, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em 12/03/2014

GUERREIRO-CASANOVA, Daniela; POLYDORO, Soely. Integração ao Ensino Superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. *Psicologia Ensino & Formação*, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2177-20612010000200008&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, v. 10, n. 1, p. 41-49, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712011000100005&script=sci_arttext.

Acesso em 12/03/2014

IGUE, Érica Aparecida; BARIANI, Isabel Cristina Dib; MILANESI, Pedro Vitor Barnabé. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *PsicoUSF*, Itatiba, v. 13, n. 2, dez. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003.

Acesso em 12/03/2014

IMAGINÁRIO, Susana; VIEIRA, Luís Sérgio. Bem-estar subjectivo, integração social e vivências acadêmicas numa amostra de estudantes da Universidade do Algarve. *AMazônica*, v. 7, n. 2, p. 40-60, 2011. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3912383>. Acesso em 12/03/2014

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*, p. 23-38, 2005. Disponível em: <http://www.casabahia-imagens.com.br/html/conteudo-produto/12-livros/276427/276427.pdf>.

Acesso em 12/03/2014

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. (2007). Escala de estratégias metacognitivas de leitura para universitários brasileiros: estudo de validade divergente. *Univ. Psychol. Bogotá (Colombia)*, 6 (3): 507-521, septiembre-diciembre. Retirado em 05/03/2013 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/up/v6n3/v6n3a04.pdf>. Acesso em 12/03/2014

JÚNIOR, Henrique Sérgio Barros Cavalcanti; FERRAZ, Isabela Neves. A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: CAMINHOS TORTUOSOS. *Revista HISTEDBR On-Line*, v. 13, n. 49, 2013. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/histedbr/article/view/3723>. Acesso em 12/03/2014

JUNQUEIRA, M.F.P. da S., Deslandes, S.F. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos da Saúde Pública*, v. 19, no.1, RJ, jan/fev, 2003. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2003000100025&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em 12/03/2014

KANTOWITZ, Barry H; ROEDIGER III, Henry L; & ELMES, David G. (2006). *Psicologia Experimental: Psicologia para compreender a pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson

LI, Ming-Hui. Relationships among stress coping, secure attachment, and the trait of resilience among Taiwanese College Students, *College Student Journal*, 2008, 42, 312-325. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/32544864/relationships-among-stress-coping-secure-attachment-trait-resilience-among-taiwanese-college-students>. Acesso em 12/03/2014

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; NOVAES, Lucia. (2000). *O stress*. São Paulo: Contexto.

LOPES, Vanessa Rodrigues; MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. Validação fatorial da escala de resiliência de connor-davidson (CD-RISC-10) para brasileiros. *Revista Psicologia*, v. 11, n. 2, p. 36-50, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572011000200004.

Acesso em 12/03/2014

LUCAS, Ana Cyra dos Santos et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 3, p. 663-671, 2006. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2006000300021&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em 12/03/2014

MARCONCIN, Priscila Pinto; ALVES, Nuno José Corte-Real; DIAS, Claudia; FONSECA, Antônio Manuel (2008). Bem-estar subjetivo e a prática desportiva em idosos alunos de Universidades Seniores do Porto. Porto: P. Marconcin Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/567/pdf>. Acesso em 12/03/2014

MAROCO, João; GARCIA-MARQUES, Teresa. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/133>. Acesso em 12/03/2014

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento; PELUSO, Mayla Luzia Algayer. Indicadores do bem estar subjetivo de discentes do ensino superior no Amazonas. *AMAZÔNICA*, v. 7, n. 2, p. 77-87, 2011. Disponível em: <http://www.cw7.info/amazonica/doc/7.pdf#page=79>. Acesso em 12/03/2014

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento; JESUS, Saul Neves. (2009). A SATISFAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES RURAIS DO AMAZONAS (HUMAITÁ E MANICORÉ/BRASIL). *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*, Ano2, Vol 2, Nº 1, ISSN: 1983-3415 – jan-jun, 2009, pág.39-49. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4030064>. Acesso em 12/03/2014

MINAYO, Marília Cecília S; SANCHES, Odécio. Quantitativo – Qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): p. 239-248, jul/sep, 1993. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em 12/03/2014

MIRANDA, Lúcia; ALMEIDA, Leandro S. Motivação e rendimento acadêmico: validação do inventário de metas acadêmicas. 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16417>. Acesso em 12/03/2014

MONTEIRO, Silvia; VASCONCELOS, Rosa M; ALMEIDA, Leandro S. (2005). Rendimento acadêmico: influência dos métodos de estudos. *Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 14 – 16 Setembro, Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4204/1/419.pdf>. Acesso em 12/03/2014

NORONHA, Maria Glícia Rocha da Costa; CARDOSO, Paloma Sodrê; MORAES, Tatiana Nemoto Piccoli; CENTA, Maria de Lourdes. (2009). Resiliência: nova perspectiva na Promoção da Saúde da Família? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (2): 497-506. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a18v14n2.pdf>. Acesso em 12/03/2014

OLLAIK, Leila Giandoni; ZILLER, Henrique Moraes. Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, p. 229-241, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/ep448.pdf>. Acesso em 12/03/2014

OLIVEIRA, Beatriz Marques de; MININEL, Vivian Aline; FELLI, Vanda Elisa Andres. (2011). Qualidade de vida de graduandos de enfermagem. *Rev. bras. enferm*, vol.64, n.1, pp. 130-135. ISSN 0034-7167. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a19.pdf>. Acesso em 12/03/2014

OLIVEIRA, Marta Filipa Pratas Vieira da et al. A análise da relação entre a representação da vinculação aos pais ea resiliência em jovens estudantes universitários. 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/18444>. Acesso em 12/03/2014

OMAR, Alicia et al. Resiliência e enfrentamento do estresse em adolescentes. Efeitos mediadores dos valores culturais DOI 10.5752/P.1678-9563.2010v16n3p448. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 448-468, mai. 2011. ISSN 1678-9563. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n3p448>>. Acesso em: 27 Ago. 2014. doi:10.5752/P.1678-9563.2010v16n3p448. Acesso em 12/03/2014

PAIS RIBEIRO, J., & MORAIS, R. Adaptação Portuguesa da Escala Breve de Coping Resiliente. *Psicologia, Saúde & Doenças*, (11), 1, 5-13, 2010. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-00862010000100001&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. - 10.Ed. Porto Alegre, 2010.

PELUSO, Mayla Luzia Algayer; MASCARENHAS, Suely A. do Nascimento. (2011). Orientação para saúde: indicadores do bem estar subjetivo de discentes do Ensino Superior no Amazonas. *Anais da Semana Educa, América do Norte*, 1, Feb. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/semanaeduca/article/view/105/145>. Acesso em 12/03/2014

PEREIRA, Anabela et al. Desenvolvimento de competências Pessoais e Sociais como estratégia de apoio à transição no Ensino Superior. *Internacional Journal of Development and Educational Psychology*, 2 (1), p. 419-426, 2008. Disponível em: http://infad.eu/RevistaINFAD/2008/n1/volumen2/INFAD_010220_419-426.pdf. Acesso em 12/03/2014

PEREIRA, Cláudia Sofia Carrapiço. A prática desportiva e o bem-estar subjetivo em adolescentes. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8290>. Acesso em 12/03/2014

PETROSKI, Edio Luiz et al. Estágios de mudança de comportamento e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano. *Motricidade*, v. 5, n. 2, p. 17-31, 2009. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1646-107X2009000200003&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*,

Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100009&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

RIBEIRO, J.L.P; Morais, R. (2010). Adaptação portuguesa da escala breve de coping resiliente. *Psicologia, saúde & doenças*, 11 (1), 5-13. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psd/v11n1/v11n1a01.pdf>. Acesso em 12/03/2014

RODRIGUES, Carla Fernanda Ferreira. Rendimento acadêmico e sua relação com os estilos de personalidade de estudantes universitários. 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/1/8679>. Acesso em 12/03/2014

RYAN, R. M.; FREDERICK, C. M. SVS: Escala de Vitalidade Subjetiva. Instrumentos de investigação desenvolvidos, adaptados ou usados pelo Grupo de Investigação Desenvolvimental, Educacional e Clínica com Crianças e Adolescentes= Research instruments developed, adapted or used by the Developmental, Educational and Clinical Research with Children and Adolescents Group, 2013. Disponível em: http://scholar.google.com.br/scholar?q=+RM+RYAN+SVS+Escala+de+Vitalidade+Subjetiva&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5. Acesso em 12/03/2014

SANTOS Célia; Pais Ribeiro, José; Lopes Carlos Eduardo. (2006). Estudo de Adaptação da Escala de Ajustamento Mental ao Cancro de um Familiar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, (7), 1, 29-55. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-00862006000100003&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

SARAIVA, Luiz Alex Silva; NUNES, Adriana de Souza. A efetividade de programas sociais de acesso à educação superior: o caso do ProUni. *RAP-Revista de Administração Pública*, v. 45, n. 4, p. 941-964, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v45n4/a03v45n4.pdf>. Acesso em 12/03/2014

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, M. A. A medida positiva dos afetos: bem-estar subjetivo em pessoas casadas. *Psic: Refl Crít*, v. 25, n. 1, p. 11-20, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v25n1/a03v25n1.pdf>. Acesso em 12/03/2014

SEQUEIRA, Vânia Conselheiro. (2009). Resiliência e abrigos. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 29, n. 1, jun. 2009. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-711X2009000100007&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

SILVA, Mara Regina Santos; LUNARDI, Valéria Lerch; LUNARDI FILHO, Wilson Danilo; TAVARES, Katia Ott. (2005). Resiliência e promoção da saúde. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2005; 14(Esp.): 95-102. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14nspe/a11v14nspe.pdf>. Acesso em 12/03/2014

SILVA, Cláudia Sampaio Corrêa da; COELHO, Paola Braga Meyer; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Relações entre experiências de estágio e indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 14, n. 1, p. 35-46, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902013000100005&script=sci_arttext. Acesso em 12/03/2014

SMITH, John. K. (1983). Quantitative versus Qualitative Research. *Educational Researcher*, Washington, v. 12, no 3, p. 6-13.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. (2006). Resiliência: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia. *Rev. Ciênc. Hum*, v. 2, n. 12, p. 21-29. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/Humanas%202006%202/Pdf/2%BA%20art..pdf>. Acesso em 12/03/2014

SOUSA, Thiago Ferreira de. Inatividade física em universitários brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde-USCS*, v. 9, n. 29, 2012. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/1293. Acesso em 12/03/2014

SOUSA, Carolina Silva. Competência educativa: o papel da educação para a resiliência. *Revista Educação Especial*, v. 21, n. 31, 2008. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5>. Acesso em 12/03/2014

SPOSITO, Giovana et al. Satisfaction with life and functionality among elderly patients in a geriatric outpatient clinic. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 12, p. 3475-3482, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v18n12/a04v18n12.pdf>. Acesso em 12/03/2014

STRAUB, Richard O. *Psicologia da Saúde*. Editora Artmed: Porto Alegre-RS, 2005.

STUMM, Eniva Miladi Fernandes; WINKELMANN, Eliane Roseli; UBESSI, Liamara Denise. Mecanismos de coping utilizados por familiares de pacientes em terapia intensiva. *Ciência & Saúde*, v. 6, n. 1, p. 52-58, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/viewArticle/11721>. Acesso em 12/03/2014

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia escolar e educacional*, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>. Acesso em 12/03/2014

TIMOSHEIBO, Sthepen P. (1983). *History of strength of materials*. Mineola, NY: Dover Publications.

TRINDADE, Margarida Faro. Inteligência emocional e resiliência. 2011. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3217>. Acesso em 12/03/2014

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Qualitative and quantitative methods in health: definitions, differences and research subjects. Rev Saúde Pública*, v. 39, n. 3, p. 507-14, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>. Acesso em 12/03/2014

VANDENBOS, Gary. (2010). *Dicionário de Psicologia da APA*. – Porto Alegre: Artmed.

VASCONCELOS, Simão Dias e LIMA, Kênio Erithon Cavalcante. (2004). Inclusão social e acesso às universidades públicas: o programa “Professores do Terceiro Milênio”. *Est. Aval. Duc*, n.29, pp. 67-86. Retirado em 05/03/2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eae/n29/n29a03.pdf>. Acesso em 12/03/2014

VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros et al. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 259-268, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf>. Acesso em 12/03/2014

VIEIRA, Luis Sérgio; NO NASCIMENTO MASCARENHAS, Suely; JESUS Neves de, Saúl O bem-estar subjective dos professores: Estudo comparativo (Portugal e Brasil). In: 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Faro, 2006, p. 43-51.

WAGNER, Gabriela Arantes; ANDRADE, Arthur Guerra de. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 35, p. 48-54, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832008000700011&script=sci_abstract. Acesso em 12/03/2014

YUNES, Maria Angela Mattar. (2003). *Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300010&script=sci_abstract. Acesso em 12/03/2014

YUNES, Maria Angela Mattar; Szymanski, Heloísa. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em J.Tavares (Org.), *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.

ZAGO, Nadir (2006). Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 32 maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>. Acesso em 12/03/2014

ZAGO, Nadir (2008). Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. *Perspectiva* [online]. 2008, vol.26, n.01, pp. 149-174. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v26n01/v26n01a08.pdf>. Acesso em 12/03/2014

Apêndice A – Instrumentos para coleta de dados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - PPGPSI
 CADERNO COM INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE VARIÁVEIS
 PSICOLÓGICAS ASSOCIADAS À RESILIÊNCIA, BEM-ESTAR SUBJETIVO
 SATISFAÇÃO COM A VIDA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS Rockson
 Costa Pessoa

APRESENTAÇÃO

Estamos realizando uma pesquisa para identificar o perfil dos estudantes universitários no que se refere ao estilo de resiliência, analisando indicadores de bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico. Sua participação é muito importante. Não existem respostas certas nem erradas. Solicitamos sua colaboração voluntária e anônima respondendo as questões abaixo de acordo com as indicações. Em caso de dúvida estamos à disposição para orientar.

Agradecemos sua colaboração.

I-Bloco – Dados sociodemográficos e acadêmicos

Identificação: Localidade: _____ Data: ____/____/____

Gênero () Feminino () Masculino Idade: _____ Ocupação: _____

Etnia/cor: () Branca () Negra () Indígena () Outra. Qual? _____

Já sentiu discriminação por sua condição racial? () totalmente em desacordo () em desacordo () parcialmente de acordo () De acordo () Totalmente de acordo.

Comentário: _____

Curso: _____ Período: _____

Está devendo matérias? () Sim () não. Se sim, quantas? _____

Rendimento acadêmico médio no último período cursado?

() 0-3 () 3,1 – 5,0 () 5,1 – 7,0 () 7,1-8,0 () 8,1-10

Em que medida acredita que seus estudos influenciaram sua atual condição profissional, de renda e qualidade de vida? () Em nada () Muito Pouco () Um pouco () Muito (). Justifique:

Deseja continuar os estudos? () Não () talvez () sim. Justifique: _____

Atividade econômica/pessoal/familiar: () indústria () comércio () Serviços públicos () autônomo () extrativismo. Qual? _____

Renda familiar: () sem renda fixa () até um SM () 1 a 2 SM () 2 a 3 SM () 3 a 5 SM

() acima de 5 SM - Como considera sua condição sócio- econômica e de renda? () Muito ruim () Insuficiente para as necessidades da família () suficiente para atender as necessidades da família () Boa () Muito boa () Ótima

Estado civil: () Solteiro/a () Casado/a () Divorciado/a () União estável () Viúvo/a

Tem filhos? () Sim () Não. Se sim, quantos? _____

II Bloco- INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS SOBRE BES E RESILIÊNCIA

Estes questionários interrogam sobre algumas atitudes da pessoa diante dos desafios do futuro. Responda sinceramente a todas as perguntas, conforme aquilo que verdadeiramente sente e não como gostaria de ser. Todas as respostas são boas, desde que sinceras. O questionário é anônimo. Agradecemos sua colaboração.

Assinale o número que melhor corresponda à sua situação de acordo com a seguinte legenda: 1. Totalmente em desacordo (absolutamente não); 2. Bastante em desacordo (não); 3. Nem de acordo, nem desacordo (mais ou menos) 4. Bastante de acordo (sim) e 5. Totalmente de acordo (absolutamente sim).

Escala SWLS (Satisfaction With Life Scale – Diener et al, 1985)

1. Discordo Muito -2. Discordo Um Pouco – 3. Não Concordo Nem Discordo - 4. Concordo Um Pouco – 5. Concordo Muito

Itens	Pontuação				
	1	2	3	4	5
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse					
2. As minhas condições de vida são muito boas.					
3. Estou satisfeito com a minha vida.					
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria.					
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria nada.					

Agradecemos sua colaboração.

©Luís Sérgio Vieira, Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, Brasil, 2005/2008

ESCALA BREVE DO *COPING* RESILIENTE, RIBEIRO E MORAIS, 2010 (ADAPTAÇÃO MASCARENHAS, 2011)

LEGENDA: 1. Quase nunca; 2. Ocasionalmente; 3. Muitas vezes; 4. Com muita frequência e 5. Quase sempre.

Itens	1	2	3	4	5
1. Procuo formas criativas de superar as situações difíceis	1	2	3	4	5
2. Independentemente do que possa me acontecer, acredito que posso controlar minhas reações	1	2	3	4	5
3. Acredito que posso crescer positivamente lidando com situações difíceis	1	2	3	4	5
4. Procuo ativamente formas de substituir as perdas que encontro na	1	2	3	4	5

vida.					
-------	--	--	--	--	--

Gostaria de acrescentar alguma outra informação sobre o assunto abordado? _____

Afetividade positiva e afetividade negativa (Diener et al, 1999)

Adaptação com autorização: Suely Mascarenhas, 2008.

Encontra, a seguir, uma lista de palavras, que representam diferentes sentimentos e emoções. Indique, até que ponto, experimentou esses sentimentos e emoções, na última semana de aulas. Responda, marcando um XIS (X), no quadradinho apropriado, ao lado de cada palavra: no quadradinho número 1, se experimentou esse sentimento ou emoção “muito pouco ou nada”; no quadradinho número 2, se os experimentou “um pouco”, etc. Marque o xis, só num dos cinco quadrados, à frente de cada palavra.

1. Muito pouco ou nada 2. Um pouco 3. Menos 4. Muito 5. MUITÍSSIMO

Itens	Pontuação				
	1	2	3	4	5
Interessado/a					
Aflito/a					
Animado/a					
Aborrecido/a					
Forte					
Culpado/a					
Assustado/a					
Bravo/a					
Entusiasmado/a					
Orgulhoso/a					
Irritável					
Atento/a					
Envergonhado/a					
Inspirado/a					
Nervoso/a					
Decidido/a					
Atencioso/a					
Agitado/a (inquieta/a)					
Ativo/a disposto/a					
Medroso/a					
Emocionado/a					

Magoado/a					
-----------	--	--	--	--	--

Gostaria de acrescentar alguma informação sobre os assuntos abordados na pesquisa? _____

Agradecemos sua colaboração.

ESCALA SWLS (Satisfaction With Life Scale – Diener et al, 1985)

1. Discordo Muito -2. Discordo Um Pouco – 3. Não Concordo Nem Discordo -
4. Concordo Um Pouco – 5. Concordo Muito

Itens	Pontuação				
	1	2	3	4	5
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que ela fosse					
2. As minhas condições de vida são muito boas.					
3. Estou satisfeito com a minha vida.					
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria.					
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria nada.					

Agradecemos sua colaboração.

PANAS - AFETIVIDADE POSITIVA E AFETIVIDADE NEGATIVA (Ribeiro, 2004)

Adaptação com autorização: Suely Mascarenhas, 2008.

Encontra, a seguir, uma lista de palavras, que representam diferentes sentimentos e emoções. Indique, até que ponto, experimentou esses sentimentos e emoções, na última semana. Responda, marcando o número apropriado, ao lado de cada palavra no quadradinho de acordo com a seguinte legenda: número 1, se experimentou esse sentimento ou emoção “muito pouco ou nada”; número 2, se os experimentou “um pouco”, 3. Mais ou menos, 4. Muito; 5. MUITÍSSIMO.

1. Muito pouco ou nada 2. Um pouco 3. Mais ou Menos 4. Muito 5. MUITÍSSIMO

Itens	Pontuação
Interessado/a	
Aflito/a	
Animado/a	
Aborrecido/a	
Forte	
Culpado/a	
Assustado/a	
Bravo/a	
Entusiasmado/a	
Orgulhoso/a	
Irritável	
Atento/a	
Envergonhado/a	
Inspirado/a	
Nervoso/a	
Decidido/a	
Atencioso/a	
Agitado/a (inquieto/a)	
Ativo/a disposto/a	
Medroso/a	
Emocionado/a	
Magoado/a	

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante:

Está sendo realizada uma pesquisa na Universidade Federal do Amazonas que tem como objetivo analisar os efeitos da resiliência sobre o bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de universitários. Tal estudo prevê a participação de universitários de diversos cursos e de ambos os sexos. Para tanto é necessário que você participe de uma entrevista e responda a um questionário de informações sócio-demográficas (idade, escolaridade, renda, etc.), questões relacionadas à resiliência e bem-estar, que terá a duração aproximada de 2 horas.

A importância dessa pesquisa está no fato de contribuir para o avanço dos estudos sobre a temática na área da educação no âmbito do ensino fundamental no Estado do Amazonas, especificamente na cidade de Manaus.

Precisamos de sua opinião sobre questões relacionadas às variáveis estudadas. Não existem respostas certas ou erradas. Não há desconfortos ou riscos na sua participação que é anônima. Os dados serão conhecidos apenas pela pesquisadora e não há necessidade de identificação pessoal na folha de respostas. Os resultados serão divulgados, resguardando-se a identidade dos participantes da pesquisa.

Caso concorde em participar desta pesquisa respondendo ao questionário, por favor, assine no espaço abaixo. Destacamos que a participação é livre e voluntária. Caso o/a estudante ou seu responsável decida deixar de participar na pesquisa, poderá fazê-lo em qualquer tempo. Em caso de necessidade o pesquisador responsável Rockson Costa Pessoa pode ser localizado no Bairro da Redenção, n – 124 Conjunto Hiléia I, Rua 8, n. 124, Manaus-AM, tel (92) 9478-5475, ou no e-mail: rockson_pessoa@hotmail.com.

Eu _____ fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada e irei guardar.

Agradecemos sua colaboração.

Assinatura do participante:

Espaço para impressão datiloscópica.

Anexo I

Declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados

Declaro para os efeitos que se fizerem necessários, que a destinação dos dados coletados por meio do PROJETO: **Análise da possível influência do fenômeno psicológico resiliência sobre o bem estar psicossocial e o rendimento acadêmico de estudantes universitários do Amazonas/Brasil** serão utilizados exclusivamente para estudo teórico.

Manaus, 08 de fevereiro de 2013.



Rockson Costa Pessoa

Psicólogo – CRP 20/03665 / Mestrando do Programa de Pós-Graduação em
Psicologia

Anexo 2

Declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam favoráveis ou não

Declaro para os efeitos que se fizerem necessários, que os resultados da investigação a ser desenvolvida por meio do PROJETO: **Efeitos da resiliência sobre a saúde psicológica, o bem estar psicossocial e o rendimento acadêmico de estudantes universitários** serão tornados públicos, sejam favoráveis ou não, através de parecer em relatório ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM, às escolas participantes da pesquisa, aos pais/responsáveis dos alunos participantes que se interessem pelo resultado e à Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Amazonas e em revistas científicas por meio de artigo.

Manaus, 08 de fevereiro de 2013.



Rockson Costa Pessoa

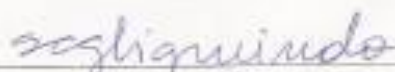
Psicólogo – CRP 20/03665 / Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Termo de Anuência para Direção Acadêmica

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a realização da pesquisa **Efeitos da resiliência sobre a saúde psicológica, o bem estar psicossocial e o rendimento acadêmico de estudantes universitários**, sob a responsabilidade do pesquisador **Rockson Costa Pessoa**, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Autorizamos a realização dessa pesquisa no âmbito desta Instituição de Ensino Superior, no que se refere à aplicação de questionário aos acadêmicos desta IES, mediante o consentimento dos mesmos em participar da referida pesquisa.

Manaus, 18 de fevereiro de 2013.



Assinatura do Responsável pelo Núcleo de Pesquisa da IES

Suelina Cristina G. de Figueiredo
 Coord. Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPE
 FAMETRO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE

Termo de Anuência para Direção Acadêmica

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a realização da pesquisa **Efeitos da resiliência sobre a saúde psicológica, o bem estar psicossocial e o rendimento acadêmico de estudantes universitários** sob a responsabilidade do pesquisador Rockson Costa Pessoa, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Autorizamos a realização dessa pesquisa no âmbito desta Instituição de Ensino Superior, no que se refere à aplicação de questionário aos acadêmicos desta IES, mediante o consentimento dos mesmos em participar da referida pesquisa.

Humaitá, 19 de março de 2013

Assinatura do Responsável pelo Núcleo de Pesquisa da IES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
CAMPUS VÁLE DO RIO MADEIRA
Elisete A. Gomes Oliveira
Coordenadora Acadêmica



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise da influência dos fenômenos psicológicos resiliência e bem - estar subjetivo sobre o rendimento acadêmico de estudantes universitários do Amazonas/Brasil.

Pesquisador: ROCKSON COSTA PESSOA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 13201413.9.0000.5020

Instituição Proponente: INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 325.873

Data da Relatoria: 26/06/2013

Apresentação do Projeto:

A dinâmica do mundo acadêmico exige um elevado esforço dos estudantes universitários para se adaptarem às suas demandas e vencerem seus desafios com sucesso. Sendo necessária a investigação dos fenômenos resiliência e bem-estar subjetivo destes acadêmicos. A resiliência é uma terminologia emprestada das ciências exatas, e diz respeito à capacidade dos materiais resistirem a certas pressões externas (NORONHA et al.,2009). O bem - estar subjetivo refere-se à avaliação da qualidade de vida pelo próprio indivíduo, lhes

permitindo pensar em como se sentem e experienciam suas vidas (GIACOMONI, 2004). Esta pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos da resiliência sobre o bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de universitários. A pesquisa será de campo tendo caráter quantitativo. Sendo aplicados os instrumentos: Escala Breve do Comportamento Resiliente (RIBEIRO & MORAIS, 2010 - adaptada por MASCARENHAS,2011), a Escala PANAS (Positive and Negative Affect Schelude) (DIENER et al, 1999, Adaptada por MASCARENHAS, 2008) e a Escala SWLS (Satisfaction with Life Scale) (DIENER et al, 1985, Adaptada por MASCARENHAS, 2008). A amostra será composta por 500 universitários da cidade de Manaus e do município de Humaitá. Os dados serão analisados estatisticamente com apoio do programa SPSS. Concluse,

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.067-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



Continuação do Parecer: 325.073

por MASCARENHAS, 2008). A amostra será composta por 500 universitários da cidade de Manaus e do município de Humaitá. Os dados serão analisados estatisticamente com apoio do programa SPSS. As propriedades psicométricas do questionário serão analisadas a partir dos dados amostrais, considerando a literatura da área e os objetivos da

investigação na perspectiva, bem como a análise estatística. Nas conclusões dos testes estatísticos será utilizado o nível de significância de 5%, ou seja, sempre que $p < 0,05$ há evidência de significância estatística. As análises serão realizadas no programa SPSS, versão 15.0.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1- Folha de rosto - Adequada, assinada pelo coordenador do Programa;
- 2- Instrumento de Coleta de dados - apresentados ;
- 3- TCLE - Adequado;
- 4- Termo de Concordância para realização da pesquisa - apresentados;
- 5- Cronograma - adequado.
- 6- Orçamento - adequado, R\$700,00 - recursos próprios.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto em terceira submissão atendeu as pendências solicitadas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 04 de Julho de 2013

Assinador por:
Ana Paula Pessoa de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrienópolis CEP: 69.057-070
UF: AM Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br